

convergência

ABR - 1993 - ANO XXVIII - Nº 261



- **ESPIRITUALIDADE APOSTÓLICA**
Irmão Tercílio Sevegnani, FMS - página 146
 - **AS UTOPIAS DE LUCAS: COMUNIDADE E EVANGELIZAÇÃO** - Pe. Nicolau Masi, SX - página 174
-

CONVERGÊNCIA

Revista Mensal
da Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Pe. Ático Fassini, MS

Ir. Lina Boff, SMR

Fr. Luiz Fernando Peixoto, OFM

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 - 4º andar

Cinelandia / Tel.: (021) 240-7299

20038-900 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1993:

Brasil, taxa única:

terrestre ou aérea Cr\$ 425.000,00

Exterior: marítima..... US\$ 45,00

aérea..... US\$ 60,00

Número avulso..... Cr\$ 42.500,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 - Benfica - 20911-230 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 - Centro 25685-020 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Claudio Pastro '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaici', à página 16: "Na extremidade esquerda da rede temos a presença de três ordens que também influenciaram profundamente a evangelização do país: um beneditino, um carmelita e um capuchinho. O beneditino é Frei Mateus da Encarnação Pinna, que se destacou em sua luta contra o jansenismo e traz em sua mão a "Defensio Purissimae et Integerrimae Doctrinae Sanctae Matris Ecclesiae". Em 1750 temos a fundação do seminário de Mariana, organizado e regido pelos jesuítas. Estes foram expulsos do Brasil em 1759 e não puderam mais influenciar a religiosidade mineira. A religiosidade popular traduziu-se em formas mais folclóricas e intimistas simbolizadas pelo barroco, as "beatas",

as folias de reis, as irmandades (do Santíssimo, dos negros...) e a devoção das cinco chagas representadas pelo homem das dores. O barroco desta época foi caracterizado pela arquitetura e pela liturgia (Sé de São João del Rey e o candelabro), e pela música sacra com o Pe. José Maurício, mulato e mineiro. O Mural entra numa fase escura quando chega a data de 1759: expulsão de mais de 450 jesuítas do Brasil por parte do Marquês de Pombal. O Artista quis fazer uma "Guernica" brasileira, tamanhas foram a injustiça e as conseqüências nefastas para a vida social, cultural e religiosa do Brasil, com a expulsão violenta destes religiosos. Uma mão de ferro simboliza Pombal e a manipulação da maçonaria em todo esse assunto. A seguir uma mulher chora desconsolada diante da saída dos jesuítas. Uma pomba morta simboliza toda liberdade e doação extintas. Uma mãe se debruça chorando a sua filha assassinada, lembrando aquela frase de Voltaire: "acabemos com a filha (a Companhia de Jesus) e logo acabaremos com a mãe (a Igreja)". A seguir aparecem rostos macerados e famintos dos exilados. Um animal grita, abrindo aterrorizado a sua boca, diante de tamanha injustiça. A pata do cavalo simboliza o abuso do poder. Por fim, um jesuíta agonizado arranha a terra como para se esconder dentro dela ou para enterrar seu companheiro morto. A expulsão dos jesuítas marca uma fase obscura na história da Igreja no Brasil (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº P-209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL 129

AS FINANÇAS DA CONGREGAÇÃO E A VIDA RELIGIOSO-MISSIONÁRIA

Pe. José Luiz Cazarotto, SVD 131

AMAR EM CASTIDADE

Marcello de C. Azevedo, SJ 141

ESPIRITUALIDADE APOSTÓLICA

Irmão Tercílio Sevegnani, FMS 146

INCULTURAÇÃO NOS PRIMEIROS TEMPOS: UM RELATO DE ANCHIETA

Pe. José de Anchieta, SJ 163

MISSIONÁRIOS E ÍNDIOS: 90 ANOS DE CONVIVÊNCIA

Equipe Missionária Salesiana 166

EDITORIAL

Neste mês de abril o calendário nos propõe o Dia do Índio (19/04), o que poderia constituir um bom momento para refletirmos sobre o problema das culturas e a difícil encruzilhada em que se encontra a Vida Religiosa latino-americana diante deste tema. Que postura tomar diante das diferentes culturas e a missão de evangelização? Como a opção pelos pobres deve repercutir na questão das culturas? Estas e outras questões igualmente exigentes esbarram, já no seu início, na dificuldade em precisar o conteúdo dos termos. Mesmo em grupos mais sofisticados pelo exercício intelectual percebe-se que o conteúdo das palavras (cultura, inculturação, evangelização da cultura, evangelização inculturada, etc.) não é o mesmo na medida em que mudam os interlocutores. O sociólogo não se aproxima desta realidade com sensibilidade idêntica à de um antropólogo apenas para exemplificar com duas categorias determinadas. De outro lado percebe-se uma tendência de isolar as chamadas "culturas oprimidas" de um contexto mais amplo, o da chamada "cultura universal", onde as fronteiras e a absorção mútua de diferentes componentes culturais é vivida de forma bastante mais natural e tranqüila do que pareceria indicar a análise de certos autores mais ideologizados. Cha-

ma particular atenção neste tema a desconfiança quase patológica de alguns diante da chamada "cultura da modernidade". Se realmente a vida religiosa em seus diferentes carismas traz o sinal do profetismo, deveria ser aqui a sentinela que percebe mais longe no horizonte a partir de sua experiência em Deus. Aí poderá colocar sua denúncia crítica lado a lado com o anúncio utópico tendo em mira as diferentes manifestações culturais, **inclusive** as oprimidas. Significativo deste posicionamento é o breve texto tirado de cartas do P. JOSÉ DE ANCHIETA, e que parece dizer coisas sábias para questões que postulamos um tanto apressadamente nos dias de hoje. Da mesma forma, o relato corajoso da equipe missionária salesiana, celebrando os noventa anos de convivência com os indígenas do Meruri.

Fiel ao compromisso de trazer em cada número temas diversos que toquem a realidade multifacetada da vida religiosa, CONVERGÊNCIA apresenta o texto do P. J. L. CAZAROTTO sobre "As Finanças da Congregação e a Vida Religioso-missionária", procurando estabelecer o lugar e as relações entre o econômico e aqueles dele encarregados nas comunidades e o projeto missionário-apostólico. É também uma aproximação de um componente

cultural com reflexos na área do trabalho profissional, na partilha e acesso dos outros aos nossos bens, na própria formulação econômica do estilo de vida do grupo a que pertencemos. Já o P. MARCELLO C. AZEVEDO retorna às nossas páginas para falar do mistério do "Amor em Castidade", lembrando que perder de vista este mistério e não respeitar na pessoa a matriz fundamental do seu amor, é exatamente profanar, dessacralizar o que é o mais sagrado na pessoa consagrada: a índole peculiar de sua relação com Deus, que é nela ao mesmo tempo iniciativa de Deus e consciente resposta da pessoa. P. NICOLAU MASI, desde Belém nos faz retomar Santo Domingo na perspectiva da comunidade e evangelização em São Lucas: um caminho de esperança positiva

de uma comunidade peregrina e a percepção do caminho ideal para atingir esta meta. Finalmente, ir. TERCILIO SEVEGNANI, presidente regional da CRB de Santa Catarina, articula os elementos de espiritualidade da existência humana e do seu projeto de vida, à luz da experiência de Deus manifestada na pessoa e obra de Jesus de Nazaré, tendo em vista a missão da vida religiosa.

A editoria de CONVERGÊNCIA espera que no mergulho em tantas águas profundas, cada um e cada uma de nós possa ter alimento revitalizador para toda uma paixão pelo Reino dAquele que nos amou primeiro.

P. Spencer Custódio Filho sj

Uma sociedade sem valores é hostil ao homem

Reflexos de correntes de opinião e de modas, os meios de comunicação social veiculam com frequência mensagens complacentes que desculpam tudo e levam a uma permissividade sem restrição. Assim, a dignidade e a estabilidade da família vêm-se menosprezadas ou alteradas. Ou então muitos jovens chegam a considerar quase tudo como objetivamente indiferente: a única referência é o que convém para o conforto do indivíduo, e não raro o fim justifica os meios. Ora, como nós verificamos, uma sociedade sem valores chega rapidamente a ser hostil ao homem que se torna vítima do proveito pessoal, de um exercício brutal da autoridade, da fraude e da criminalidade. Muitos povos fazem hoje esta amarga experiência, e sei que os homens de Estado são conscientes destes graves problemas que devem enfrentar cotidianamente. *João Paulo II, ao Corpo Diplomático, no dia 6 de janeiro de 1993.*

AS FINANÇAS DA CONGREGAÇÃO E A VIDA RELIGIOSO-MISSIONÁRIA

Uma tentativa de estabelecer o lugar do economato dentro do âmbito da Vida Religiosa e relacioná-lo com o voto de pobreza e com o todo desta Vida desde a formação até a realização de suas tarefas específicas.

Pe. José Luiz Cazarotto, SVD
São Paulo, SP

1. Observações iniciais

A Vida Religiosa, de um modo geral, pode ser definida como sendo um estilo de vida pautado pelos três votos: pobreza, castidade e obediência. Certamente todos os que estudam este modo particular de viver a vida cristã devem ter-se confrontado com as mais diversas reflexões a respeito de cada um destes aspectos e muitas vezes percebido que uns acentuam um aspecto outros outro, mas de um modo geral não deixam de ser visualizados sempre em conjunto. Analisando com mais vagar ainda perceberemos que as Instituições que promovem este modo de viver não o fazem pura e simplesmente tendo em vista os votos mas considerando também algum objetivo mais

amplo: Missões, Educação, Serviços ligados à saúde, etc.

Apesar de os votos serem uma decisão pessoal e de terem implicações pessoais e comunitárias, a pessoa na Vida Religiosa estará integrada em um ambiente social e cultural, viverá com algum tipo de meio de subsistência e conviverá com um grupo maior ou menor de pessoas.

A presente reflexão é uma tentativa de estabelecer o lugar do Economato dentro do âmbito da Vida Religiosa. Não somente relacionando esta instância com o voto de Pobreza mas com toda a Vida Religiosa desde a formação até à realização de suas tarefas específicas. Muitas vezes as instâncias ligadas à economia são visualizadas à par-

te quando não classificadas como um mal-a-ser-tolerado devido às circunstâncias da vida. Nós seríamos como que seres dedicados ao espiritual em detrimento a tudo que estivesse ligado à matéria, criando assim, uma dicotomia esquizofrenizante.

Um outro tema, dentro deste campo, dá conta de um elemento muito importante na vida de todo e qualquer ser vivo, sobre o qual nem sempre refletimos com vagar e atenção suficientes: como é que nós sobrevivemos? Ou seja, como é que adquirimos os bens, alimentos e tudo o mais que todo e qualquer ser neste planeta precisa para viver? Por incrível que pareça, é neste assunto que a humanidade mais se divide e se 'classifica'. Esse aspecto, aparentemente sem importância, tem muito peso não só para que possamos valorizar aquilo que recebemos como doações e/ou salários, mas também para podermos avaliar como as pessoas nos vêem — afinal de contas, somos primeiramente testemunhas.

2. A procedência de nossos bens

Uma pessoa que nos observasse friamente teria sem dúvidas, dificuldades de entender como nós temos tantas riquezas apesar de proclamarmos um voto de Pobreza. Em síntese a resposta seria que estes bens não são nossos — pessoalmente falando — e que foram sendo doados aos nossos confrades que nos precederam e outros foram adquiridos como resul-

tado do trabalho de muitos anos realizado por muitas pessoas que viveram antes de nós ou de pessoas que ainda estão trabalhando. Muito do que está à nossa disposição é a somatória de muitos donativos ao longo de muitos anos na história da Congregação. E certamente muito pouco poderia ser acrescentado em termos de explicação.

Evidentemente que tudo estaria sendo colocado dentro da perspectiva das atividades missionárias ou dos objetivos específicos da Congregação. Os bens que não servissem para isto, direta ou indiretamente, seriam dispensados. Em síntese, tudo o que temos é para a realização de nossa tarefa específica ou para obras e atividades que sustentem este objetivo.

Mas se falarmos de sobrevivência, estaremos dando conta de um tema que nem sempre estará ligado à nossa missão. Sobreviver não é somente uma questão de ter alimento ou de não morrer. É mais que isto. É ter uma moradia, uma formação, garantias quanto à saúde, condições de trabalho — equipamentos, emprego e salário. É um conjunto de coisas que perfazem a nossa situação de vida, nosso estilo de vida.

Mas vamos convidar esta mesma pessoa, com a qual hipoteticamente estávamos falando acima, a explicar como o prato de comida de seu almoço veio parar em sua mesa. Ela não terá dificuldade em dizer que trabalha, recebe um salário, vai ao mercado e adquire os

produtos de que necessita. Esses, depois de preparados, são isto que está à mesa e que para tanto teve que trabalhar um determinado tempo. Entretanto, como o prato de comida do Religioso vai parar em sua mesa? Explicar este caminho é tarefa do Ecônomo.

Para ajudar nesta tarefa vamos fazer um exercício de elaboração de modelos de explicação. Naturalmente que todo modelo tem suas vantagens e seus equívocos. Os que aqui apresentamos valem apenas como tentativa de colocar dentro de um sistema as experiências e atividades que nós poderíamos sintetizar com as palavras: estilo de vida. Podemos pensar em três modelos fictícios. O modelo do Nobre, do Empresário e do Operário. O nosso estilo de vida depende do modelo que escolhemos e ele terá um enorme efeito sobre nossa vida, e especialmente sobre o modo como o prato de comida vai chegar à mesa, como adquirimos os livros, as roupas, pagamos nossas contas e como as pessoas perceberão a nós e à nossa mensagem. Não podemos esquecer que a mensagem de nosso testemunho está emoldurada pelo nosso estilo de vida. Estes três modelos, como dissemos acima, são evidentemente, caricaturas e servem apenas para organizar nossos pensamentos. Poderíamos inventar outros e até mais adequados. Entretanto ficamos com estes:

O MODELO DA NOBREZA — A Nobreza caracteriza-se como uma classe à parte, vive em palácios,

tem seus empregados que fazem os serviços "auxiliares", tem vestuário diferente, tem suas festas particulares que nem sempre coincidem com as dos habitantes *extramuros*, inclusive tem uma linguagem especial. De um modo geral não trabalham, ou pelo menos não realizam algo efetivamente produtivo. Se podemos dizer que seu trabalho tem alguma importância, essa vai na linha de um significado mais simbólico para a nação.

De onde vêm os recursos para a sua sobrevivência? Uma parte vem por herança de seus antepassados, de dotes matrimoniais, de dotações orçamentárias do Governo (impostos destinados especificamente para o sustento da família real). Em tempos mais remotos (se é que estas atividades não continuam a ser realizadas nos dias de hoje sob nomes mais eufemísticos), os bens poderiam vir de saques, pilhagens, resultado de guerras, espoliações as mais diversas, usurpações, roubos, trabalho escravo e outras modalidades. A história da riqueza das famílias reais na história não é uma das mais nobres e exemplares. Mais modernamente, as riquezas das "realezas" vêm de impostos os mais diversos cobrados com o argumento de que então os reis garantem ao povo território, identidade de nação, serviços em geral (educação, estradas, saúde, segurança, etc...). É evidente que tudo isto tem um custo, mas os impostos prevêm um superavit adequado para o sustento luxuoso da "família real".

Um outro conceito importante e que sustenta este modelo é o sagrado direito de propriedade que pode passar de pai para filho, seguindo determinados padrões hereditários. Muitas vezes na história este direito era algo intocável por ser embasado religiosamente como um direito divino, independentemente de quem fosse a pessoa concreta que ocupasse o cargo. Junto com isto temos algo que às vezes nem ligamos mas que tem muito significado se queremos entender a classe real. Há uma classificação das atividades. Certos trabalhos não são dignos da família real e, apesar de essencialmente todas as pessoas serem humanas, é evidente que umas nunca poderão ser reais e terão de resignar-se aos trabalhos das classes inferiores. É somente com o surgimento da nobreza que certos trabalhos passaram a ser indignos, muitas vezes gerando um sentimento de desumanização para aqueles que os realizam. Umas atividades seriam para os nobres e outras para os plebeus.

Neste caso, é muito provável que os príncipes não façam a mínima idéia da origem do trigo, da carne, do vinho que usufruem. E nem quanto trabalho está embutido em cada prato de comida consumido ou jogado fora. As coisas que importam para a classe real não são as mesmas que importam para o plebeu trabalhador. A avaliação da vida também é diferente. Há um processo de distanciamento da realidade provocado pelo estilo de vida e pelo modo como a luta pela

sobrevivência é levada adiante. Assim pode-se perder a noção de quanto suor seja necessário para que algo seja realizado. Em outras palavras, quanto custa em termos de trabalho, qual é mesmo o valor das coisas, de um prato de comida, por exemplo. Quase de um modo semelhante se avalia a guerra e a morte de multidões: uma vez que quem morre são os outros visualizados de um modo tão irreal. Os reis não se importam com os outros a não ser a partir do momento em que esteja faltando algo em seu estilo de vida.

A classificação das pessoas e das atividades e mesmo do mundo, deste modo, leva a uma perda da noção de realidade e do valor das coisas, especialmente das que envolvem vidas humanas e trabalho.

O MODELO CAPITALISTA — Aproveitando-se do conceito de propriedade absoluta, o capitalista organiza um mundo a seu modo. Em parte essa organização assemelha-se ao modelo da Nobreza, mas em parte difere. O ponto de partida é a existência de um capital e de uma conjuntura política e legal que favoreça a exploração de vantagens econômicas. Este capital tanto poderia ser um montante financeiro quanto um bem qualquer capaz de render dividendos. Como isto pode ser feito depende da situação econômica: especulação na bolsa de valores, juros, aproveitar de vantagens cambiais, crises de abastecimento, catástrofes, guerras, exploração do trabalho, etc. A mentalidade capitalista caracteri-

za-se exatamente por isto: não importa o modo nem as circunstâncias em que o Capital esteja rendendo. O que importa é que haja renda. A renda não é em si fruto de um trabalho do proprietário do Capital, mas resulta de circunstâncias econômicas, de oportunidades, de vantagens, etc. Em síntese, vive-se tirando vantagens do fato de se ser proprietário.

Um outro modo, dentro deste sistema, é a aplicação do capital em meios produtivos: fábricas, empresas, etc. Então a partir do trabalho dos empregados e das máquinas este capital irá produzir bens que podem ser comercializados e com isto pode-se ter lucro e com ele viver. Em tese, não haveria nada de especial neste modelo, o proprietário teria direitos em relação ao Capital investido. O que às vezes é injusto é a enorme diferença de ganho que o Capital tem em relação ao Trabalho. Aqui já existe uma proximidade maior da realidade, em relação ao modelo da Nobreza, mas vive-se ainda do suor dos outros graças ao domínio legal dos meios de produção.

O MODELO DO OPERÁRIO
— Operário é aquele que nem tem empresa nem é rei. A fonte de seus bens é o salário; o modo de conseguir seu prato de comida é o trabalho. O trabalhador vive com o que ganha e ganha com o suor de seu rosto. Aqui estão quase todos os habitantes da terra: os assalariados, os camponeses, os pobres. Estes realizam as tarefas tidas como

indignas pela Nobreza, seu suor é que dá lucro ao detentor do Capital.

Em geral os operários assalariados vivem na insegurança e têm um horizonte de tempo limitado ao seu período salarial. Vivem para trabalhar e trabalham para viver. São massificados, vivem em condições desumanas — são os oprimidos da terra. Diferentemente dos nobres para quem os bens são mais simbólicos do que concretos (títulos, jóias, aparência, cargos) e dos capitalistas para quem os bens são qualificados pela capacidade de produzir lucros, estes avaliam seus bens pelo esforço em obtê-los e pela importância direta em suas vidas.

Claro que na sociedade urbana complexa em que vivemos estes modelos não dão conta de todos os aspectos da vida das pessoas. Encontramos muitos reis nos meios capitalistas, ou pelo menos que tentam imitar as famílias reais pelas construções de casas enormes, de festas principescas, de vida suntuosa. Nem sempre os detentores de capital podem ser considerados do mesmo modo. Em muitos países ser proprietário implica em enormes responsabilidades sociais. Outras vezes a vantagem do lucro não vem do fato de se ser proprietário mas no fato de se deter capacidade produtiva, conhecimentos tecnológicos, uso de estratégias adequadas ligadas ao marketing, e assim por diante. Em outras palavras, o Capital pode revestir-se de diversos modos. Não podemos pensar que

as pessoas estejam assim tão isoladas que não haja uma infiltração das mentalidades de um grupo no outro. Um pobre que rouba um par de tênis está roubando muito mais um bem simbólico que um calçado. É como se a mentalidade na Nobreza entrasse na favela. O que importa nisto tudo é perceber que o predomínio de um modelo gera uma mentalidade, um estilo de vida, um modo de avaliar as coisas, de considerar os outros e a si mesmo e este predomínio pode gerar uma mentalidade que pervade toda a sociedade.

Evidentemente que estes modelos são caricaturas da realidade. Entretanto, não deixa de ser verdade que ante a luta pela sobrevivência as pessoas se encontram em situações muito diferentes. Que enquanto para a Nobreza a coisa mais importante possa ser o casamento da princesa, e que para um empresário seja a descoberta de uma mina de matéria-prima, para o operário é o recebimento do seu salário — e para quem nem isto recebe pode ser o fato de ainda estar vivo ao acordar. A luta por viver é desigual. Os religiosos ao fazerem o voto de Pobreza, teoricamente, propõem um determinado estilo de vida. Qual?

3. E os Ecônomos?

Sempre que fazemos simplificações corremos o risco de deixar de lado coisas muito importantes. Mas, quem sabe, possamos dizer que para se compreender a Vida Reli-

giosa precisamos considerar dois grandes planos. O primeiro plano trata da busca do sentido do que se faz, do porquê se vive deste modo, e a isto poderíamos chamar de *Espiritualidade*. Um outro plano dá conta das estruturas reais em que vivemos: as casas, as propriedades, os instrumentos de trabalho e também os equipamentos pessoais tais como formação, capacidade e do modo como isto tudo é partilhado e orientado à função específica da Instituição. A este segundo plano podemos chamar de *Administração*. A *Espiritualidade* sem *Administração* torna-se um sonho sem realização; a *Administração* sem *Espiritualidade* torna-se um computador sem programa, um time sem adversário, um carro sem combustível, uma mensagem sem sentido.

As pessoas que lidam com a Economia nas Comunidades e/ou Províncias religiosas teriam como sua principal tarefa exatamente isto: fazer com que as pessoas coloquem seus pés na realidade. Para o Ecônomo, colocar os pés na realidade seria considerar o modo como vivemos e sobrevivemos e ver qual é o modelo pelo qual nos pautamos para assim, tentar entender até que ponto esse está ou não de acordo com os objetivos assumidos. Naturalmente não adotamos o estilo da Nobreza, mas não é verdade que muitos pensam em termos de atividades mais ou menos dignas e classificam os confrades pelas suas capacidades intelectuais? Que outros, ainda, perderam a no-

ção do valor das coisas ou vivem em busca de títulos e anéis? Nem é nosso o modelo empresarial-capitalista, mas não é verdade que em termos administrativos vivemos, às vezes, dentro de um sistema de lucro embora sabendo que o lucro quase sempre é conseguido a partir do suor dos pobres? Seria nosso o modelo do trabalhador pobre se moramos onde moramos, se temos as garantias que temos, se capitalisticamente exploramos o Capital que temos quando não os operários que empregamos? Dependendo do modelo que adotamos será nosso estilo; dependendo de nosso estilo será também a vivência do nosso carisma; e dependendo disto será a compreensão da mensagem que comunicamos.

Com isto vê-se que o Economato não é apenas uma questão administrativa mas é uma instância que está presente em todos os momentos de nossa vida e que pode, dependendo da Espiritualidade com que esteja revestido, questionar toda a Vida Religiosa e a atividade missionária. Não se trata de uma atividade marginal, suportável uma vez que estamos neste mundo material, mas é um dos pilares-base sobre o qual estamos construindo a nossa vida e dele também depende o modo como realizamos nossa Missão. Não sei se erraria muito ao dizer que quase todas as grandes reformas na Vida Religiosa partiram de questões da ordem do Economato e não de questões da ordem da Espiritualidade (S. Bento, S. Francisco, S. Bernardo, S. Iná-

cio). O problema não era a quem amar, crer em Deus, seguir Jesus Cristo; o problema era como fazer isto? que estilo de vida levar? qual o modelo econômico (de eikos) implementar e adotar?

4. Conseqüências para a Formação

Não é uma coisa rara os formadores afirmarem que, muitas vezes, os estudantes e/ou formandos à medida em que evoluem em sua formação regridem em sua capacidade de avaliar corretamente o custo das coisas — haveria um processo de distanciamento da realidade. Mesmo após a formação inicial, não é algo excepcional ver-se desperdício e malversação de verbas em construções inúteis ou inadequadamente calculadas onde verdadeiras fortunas são jogadas fora. Em parte isto ocorre porque se perdeu a capacidade de se avaliar corretamente os custos das coisas e por outro lado por que, nossa formação é falha em termos administrativos, de tal modo que rareiam os que sabem avaliar corretamente o que se necessita. Mesmo num plano global, até que ponto o imenso patrimônio de que dispomos está adequadamente agilizado em vista de nossa missão específica. É muito provável que uma empresa capitalista moderna teria uma eficiência muito maior com meios mais limitados e onde seriam mais adequadamente utilizados. E isto deveria ser considerado até por uma questão de justiça; as pessoas que colaboram conosco, em

geral as mais pobres das diversas nações, mereceriam um uso mais inteligente dos recursos tão sofridamente conseguidos.

Ainda que a formação tenha em vista as dimensões humanas, a realidade concreta de onde as pessoas vêm e tenha ainda como objetivo primordial a formação de missionários e/ou religiosos capacitados na habilidade de ser testemunhas e no anúncio da Boa Nova vivendo em comunidade, não seria de se considerar que um conhecimento adequado na área da administração possa ser significativamente formativo? Não seria razoável pensar-se que a nossa formação inicial e permanente devesse ter sempre esta preocupação com a realidade concreta e com o esforço que existe atrás dos nossos custos de vida? Que assim como há um estreito relacionamento, por motivos óbvios, entre o Provincial e eventualmente o Conselho Provincial, com os formandos e formadores, não deveria haver também um relacionamento mais próximo entre o Economato e as diversas instâncias da formação, permitindo que haja maior co-responsabilidade no trato dos bens comuns? Não seria algo inteligente se houvesse uma formação até sistemática, para a administração dos bens e para a leitura da realidade econômica da vida das pessoas onde estamos vivendo? É claro que todos trabalhamos, e mesmo muitas Congregações são conhecidas mundialmente como formadas por gente que trabalha intensamente, entretanto, como avaliamos esta

atividade ou quais são as coisas que efetivamente valorizamos e quais são as pontes de contato com as pessoas no meio das quais vivemos?

5. Conseqüências para a Administração

Muitas coisas ainda poderiam ser ditas no que se refere ao modo de compreendermos a economia em nossas vidas e como esta instância interfere na nossa vida em todas as suas dimensões. O mesmo se pode dizer como é importante que este aspecto esteja integrado no processo formativo para que tenhamos um mínimo de contato com a realidade e com a vida efetiva das pessoas a quem nós nos dirigimos — e tudo isto esteja integrado ao nosso estilo de vida. Entretanto, que conseqüências podemos tirar para a atividade administrativa?

Em síntese, administrar é organizar “racionalmente” os bens que temos tendo-se em vista os objetivos da Instituição. Os objetivos de uma Instituição podem ser, por exemplo, sintetizados em anunciar a Boa Nova e testemunhando a fé através de um estilo de vida a que podemos chamar de Vida Religioso-missionária. Se temos isto em mente, em termos administrativos, pode ser que não se trata de termos quaisquer coisas, mas termos as mais adequadas, as mais eficientes para nosso intuito; não se trata de formarmos de qualquer jeito, mas buscar o modelo ótimo para aquilo que queremos; não se trata de es-

tar em qualquer lugar, seja geográfica seja socialmente, mas estar no lugar melhor para o que visamos. Esta capacidade de perceber e analisar as situações de tal modo que se consiga o máximo com o que temos não é algo com que nascemos, mas é algo que precisamos aprender, desenvolver e comungar. Se isto não for feito, pode ser que acertemos umas vezes, mas o que mais provavelmente ocorrerá é um gasto imenso para se conseguir muito pouco, e às vezes nada, e não raro, conseguirmos o efeito contrário ao que queríamos.

Em linhas gerais os bens que temos não têm sentido em si mesmos — são para serem utilizados para a nossa missão. Eles, por definição, não pertencem a ninguém pessoalmente, mas são comuns e, em tese, todos são responsáveis pelos mesmos. Todos devem ter em mente como conseguimos o que temos, como devemos ou podemos manter e como devemos ou podemos utilizá-los. Neste sentido nenhum dos modelos acima se presta para uma avaliação radical porque não temos uma relação proprietária com os bens. Os bens são de todos e a bem da verdade são da Instituição formada de pessoas — nós seríamos apenas administradores. Nisto está a nossa responsabilidade e aqui estaria uma das mais significativas tarefas dos administradores.

Muitas vezes o modo de gerir os bens não nos leva a um estilo de vida castelão? Não promovemos uma mentalidade empresarial? Os bens que temos exercem o papel de

moldura para a mensagem que anunciamos e muitas vezes esta moldura se torna muito mais visível que a 'pintura'. Os bens, considerados de um modo geral, não seriam somente o nosso patrimônio, mas também nossa cultura, nossos estudos, nossas roupas, nosso modo de falar, nossas garantias, etc...

Às vezes somos uma espécie de Robin Hood singular que quer ajudar os abandonados e massacrados mas moramos no palácio do rei. Não é por isto que tanto as pessoas a quem nós formamos, como os estudantes que convivem conosco, muitas vezes, têm dificuldades de avaliar quanto de suor existe nas doações que recebemos?

Outra coisa a ser considerada é que o aspecto econômico da vida, apesar de estar presente na vida de todos os habitantes deste mundo, ele é percebido de um modo diverso dependendo de onde estamos. Se somos uma congregação internacional e estamos presente em muitos países devemos considerar a possibilidade de nem todas as culturas deterem a mesma visão do dado econômico (que nós nos acostumamos a visualizar desde o Ocidente).

6. O Economato e a visão de Pessoa Humana

Um último ponto, apenas como sinalização. Se queremos integrar a economia em nossas vidas de modo orgânico devemos avaliar e criticar os elementos platônico-maniqueus, muitas vezes, subjacentes ao nosso modo de pensar e, quem sabe, retomar uma antropologia mais

bíblica. Se isto não for feito, as atividades ligadas às finanças serão sempre visualizadas como de segunda categoria e beirando ao mundo pecaminoso e sujo. De um lado isto deprecia os bens materiais e com isto todo o esforço que eventualmente está atrás do que ganhamos, e, por outro lado, nos faz entrar num modelo alienante de espiritualidade que nos isola da realidade e das pessoas.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. *Você pessoalmente ou sua comunidade já se questionou sobre a*

procedência dos bens que constituem o patrimônio do grupo a que pertencem? Percebem como se constitui e como se estrutura a sobrevivência econômica?

2. *Segundo os modelos apresentados pelo autor (nobreza, capitalista, operário), onde se situaria o seu grupo concreto? Que consequências podem ser tiradas em relação ao voto de pobreza?*

3. *Que consequências podem ser tiradas para o seu grupo concreto da exigência em revestir os chamados "economatos" (pessoas e atividades) com as exigências das opções espirituais do instituto?*

O coração da vida internacional é o homem

Este grande percurso no horizonte da cena internacional, tornado tradicional no quadro de nosso encontro anual, pôs sobretudo em relevo que *o coração mesmo da vida internacional não são tanto os Estados quanto o homem*. Conhecemos aqui uma das evoluções, sem dúvida entre as mais significativas, do direito dos povos durante o século XX. A emergência do indivíduo está na base daquilo que se chama *o direito humanitário*. Existem interesses que transcendem os Estados: são os interesses da pessoa humana, os seus direitos. Hoje como ontem, o homem e as suas necessidades estão, infelizmente, sempre ameaçados apesar dos textos mais ou menos vinculantes do direito internacional, a tal ponto que, nestes últimos meses, se impôs um novo conceito, o de *ingerência humanitária*. Esta denominação mostra bem o estado de precariedade do homem e das sociedades que ele constituiu. *João Paulo II, ao Corpo Diplomático, no dia 6 de janeiro de 1993.*

AMAR EM CASTIDADE

*Só as pessoas realmente castas são
capazes de amar
e são portadoras do verdadeiro amor. Elas
são centelhas do definitivo
piscando aqui e ali no universo do provisório.*

Marcello de C. Azevedo S.J.

Rio de Janeiro, RJ

A autenticidade e a verdade DO AMOR VIVIDO EM CASTIDADE é feita de três dimensões fundamentais e intimamente interligadas.

Primeiro, de uma percepção, compreensão e vivência da sexualidade humana como um dom inestimável, enquanto ela é uma forma responsável de participação na força amorosa e criadora de Deus. Privar ou desviar a sexualidade desta perspectiva é desvirtuá-la, esvaziá-la de seu sentido, expulsá-la para fora de sua identidade humana.

Segundo, da compreensão de uma dupla relação de amor: a do(a) consagrado(a) diretamente com Deus (um Deus, porém, sempre manifestado concretamente através de pessoas humanas, sobretudo das mais simples e necessitadas): ou a relação de amor a Deus, mediati-

zada pelo amor entre os cônjuges (sendo cada cônjuge a mediação imediata e exclusiva ou a referência primordial, catalisadora de outras mediações).

Toda ambigüidade aqui desvirtua uma e/ou outra respectiva relação de amor (a do/a consagrado/a ou a dos cônjuges) e, portanto, lhe tira o sentido fundamental. Mina pela base precisamente o componente relacional, que é central tanto na pessoa como um todo, quanto nesta forma pessoal de ser, que é conotada pela identidade sexuada de cada ser humano. Não nos relacionamos com a essência de pessoas em geral, mas com homens e mulheres individuais.

Terceiro, de um imenso respeito à retidão existencial e à integridade física, psicológica e afetiva

global da outra pessoa. Isto vale para casados e consagrados, mas tem sua marca própria, inconfundível e intransferível, exigente de coerência radical, quando em questão pessoas consagradas ao Senhor. Pela consagração, nelas vive a unicidade, indivisa e plena, de Seu amor. Deus ama e habita de modo direto, singular e único, aquele ou aquela que Ele, pela consagração, chamou a esse amor.

O relacionamento, portanto, com um consagrado ou consagrada ao Senhor, nele ou nela encontra por primeiro e necessariamente este mesmo Senhor. A pessoa é existencialmente referenciada a Ele e Ele é nessa pessoa presença plena de um amor original e inconfundível.

Perder de vista este mistério e não respeitar na pessoa esta matriz fundamental de seu amor, é exatamente profanar, dessacralizar o que é o mais sagrado na pessoa consagrada: a índole peculiar de sua relação com Deus, que é nela ao mesmo tempo iniciativa de Deus e consciente resposta da pessoa.

Pelo contrário, a afirmação inequívoca, em todo relacionamento entre pessoas consagradas, desta unicidade do amor de Deus em cada um ou cada uma, torna sagrado e, de certo modo, até mesmo divino este relacionamento. Divino, na medida em que lhe é dado participar da comunhão dessas pessoas com o Deus que as ama e configurar, a partir deste amor primeiro e radical de Deus por elas, toda forma ulterior de relacionamento com elas.

Castidade e liberdade

Neste sentido, a castidade consagrada é também fonte e expressão de liberdade. Ela o é porque abre o consagrado para o amor de Deus nas pessoas e para o amor das pessoas em Deus, leva a não cooptar para si pessoa alguma, nem a alguma se prender por um amor prioritário e singular.

Respeitada e salvaguardada a índole específica da sexualidade em cada estado de vida, — o matrimônio e a consagração — toda vez que se admite ceder, minimamente que seja, a um indevido e inadequado (em relação ao respectivo estado de vida) desdobramento sensual e/ou erótico, sexual e/ou genital, das formas humanas de expressão de afeto — imaginação, palavra, olhar, gesto, toque, relacionamentos vários e de tantas formas — se entra em uma via que, mais cedo ou mais tarde, se afirma e bifurca em ambigüidades, tácita ou explicitamente admitidas e, a médio ou longo prazo, de todo insustentáveis.

De fato, entra-se assim num plano de conflito com a verdade existencial da pessoa, numa situação de choque com a transparência vital, da qual precisamente se nutre a castidade, consagrada ou conjugal. Esta cisão, a um nível tão profundo, é incompatível com um amor verdadeiro, do qual a castidade é, ao mesmo tempo, garantia e expressão, tanto no matrimônio, como na vida consagrada, embora

de modo distinto em cada uma destas formas de vida.

Esta ruptura é também erosão da liberdade, desgaste que destrói a transparência sadia de uma espontaneidade autêntica. A vida passa então a ser vivida com o peso insuportável de uma duplicidade inconfessada, fonte sempre agravada de infelicidade e frustração.

Castidade e prazer, conflito e sofrimento

Toda essa dinâmica nos revela como a sexualidade é a versão humana do poder divino de amar e de criar. A concepção reta e lúcida da castidade, — que é a orientação da sexualidade em vista da vivência plena dessa marca vital de Deus em nós —, deixa claro que a orientação primordial da sexualidade não é nem pode ser o prazer. Ela é, antes, a afirmação, na liberdade responsável, da força fecunda e construtiva do AMOR.

Este amor, orientado diretamente para uma outra pessoa humana, no matrimônio, pode também ser fonte de prazer, enquanto recorre à plena expressão e alcance também material e sensível da sexualidade. Pelo contrário, este amor, orientado diretamente para Deus e para a ajuda e o serviço das pessoas à luz e por causa de Deus, na consagração, afirma, sim, o amor, mas na opção consciente e livre de não recorrer a essa dimensão material e sensível da sexualidade, na qual se encontra a fonte mesma do prazer.

A castidade, portanto, nessa perspectiva, não é a negação da sexualidade. Ela é, pelo contrário, a mais plena e livre e, por isso mesmo, a mais humana afirmação e expressão do amor em nós, vivido na orientação consciente dessa mesma sexualidade. Essa afirmação se filtra pela expressão deste amor que vive em nós e que é sexuado em nossa realidade humana concreta, masculina ou feminina.

Mas, na castidade, conjugal ou consagrada, esse amor é vivido na coerência do que cada um de nós entende ser o sentido fundamental da própria vida. Intuir, compreender e viver esse sentido fundamental da nossa vida, vida de cada um, é dom da gratuidade de Deus a nós, a ser por nós intensamente pedido e a ser vivido na retidão de uma infinita gratidão.

Castidade, ideal e tensão relacional

Claro que o que estou dizendo aqui é meta e ideal. Nosso cotidiano mesmo, é querer caminhar para lá, na certeza dual e constantemente experimentada, de nossa fragilidade e incoerência, mas também da extraordinária força de Deus em nós.

Como a castidade é, por sua natureza mesma, uma dimensão relacional da pessoa humana, ela só pode ser vivida plenamente não na perspectiva de uma pessoa isolada, mas na consciência de sermos sempre pessoa-em-relação. Isto traz consigo a nossa responsabilidade

de dever sentir, respeitar e salvar, também no outro e nos outros todos, o empenho recíproco de caminhar nessa mesma direção.

Daí a grande significação da qualidade e retidão no relacionamento entre as pessoas, tanto singularmente na relação bi-lateral, quanto comunitariamente, na relação plurilateral (respectivamente, a dos cônjuges em sua família e a dos consagrados em suas comunidades).

Por isso, as pessoas que, por um inestimável dom de Deus, sinceramente caminham para a realização desse alcance sempre mais pleno da castidade em suas vidas, são profundamente felizes e irradiam essa felicidade nos espaços de sua vida familiar, comunitária e social.

Castidade e amor

Traduzindo na vida esse enfoque pleno da castidade, essas pessoas se tornam, de fato, mesmo sem o saberem ou perceberem, presença inequívoca do amor de Deus no mundo. Elas realmente *amam*.

Sim, porque *amar* é tirar-se do seu próprio centro e lançar pontes relacionais a outros. É sair de si e abrir-se a alguém. É respeitar e acolher a outra pessoa, na sua alteridade, isto é, na sua qualidade de ser outra, de ser diferente. Amar é não trazê-la para si, nem moldá-la por si. É deixar que ela seja o que é e ser feliz com a felicidade dela. É realizar-se a si mesmo(a) com o bem da outra pessoa. Amar é ajudar alguém a que não se iluda consigo e sobre si. É desvendar à pes-

soa a riqueza de seus valores e talentos, para que neles cresça, o potencial de suas reais esperanças, para que as realize. É revelar-lhe com respeito os seus limites para que se lance a superá-los. Amar é viver tudo isto na tensão relacional de uma gratuidade plena, sem buscar nem esperar retorno, sem pôr barreiras nem criar defesas. Amar é ter a coragem de grandes, árduas e imprevisíveis opções pelo bem de alguém, sem proveito nem interesse próprio, sem criar dependências, nem permitir-se ingerências. Amar é ser capaz de serenamente administrar contrastes e superar conflitos, na medida mesma em que o amor se constrói na transparência da verdade e na esperança reafirmada sempre de um perdão possível. Amar, entre nós, pessoas humanas, é recapitular, na frágil modestia de nossa finitude, a infinita, surpreendente e gratuita oblação, que de Si mesmo fez e faz sempre a nós, em Seu Filho, Jesus, este nosso Deus que é AMOR. Amar é ser portador(a) e mensageiro(a) de vida, de uma tal abundância desta vida, que se torne vida ser capaz de dar ou perder a vida por quem se ama.

Castidade e sexualidade, na perspectiva da VIDA

A densidade deste amor se realiza tanto na vida conjugal como na vida consagrada. Há nessas duas vocações de vida um solo comum, que é o vetor primordial de toda vida humana na perspectiva cristã: o amor. Além disso, em ambas, o

amor se traduz conotado nas pessoas pela respectiva sexualidade. Mas é diversa, numa e noutra vocação, a condição instrumental da sexualidade e a índole específica da sua mediação.

Por mais paradoxal que isto possa parecer, creio sustentar-se por si, a esta altura — no sentido aqui elaborado, tanto para a vida consagrada como conjugal —, a seguinte afirmação: *só as pessoas realmente castas são capazes de amar e são portadoras do verdadeiro amor.* Elas são centelhas do definitivo, piscando aqui e ali no universo do provisório. Deus filtra por elas, — neste mundo em que o amor é tão marcado pelo conflito e sofrimento, pela incorrespondência e ambivalência — a certeza de que a destinação radical do amor não é a morte mas a VIDA. E a VIDA é o que Ele veio trazer em plenitude.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. *Das três dimensões constitutivas do amor vivido em castidade, que são apontadas pelo autor, qual (quais) parece ser mais desafiadora diante da realidade pessoal e comunitária em que você vive?*

2. *Em alguns lugares ainda se fala em uma “terceira via” quanto à castidade, onde certos desdobramentos sensuais e/ou eróticos teriam validade. Você consideraria tal atitude compatível com a transparência vital necessária à Vida Consagrada?*

3. *Você concordaria com o autor de que a castidade permite à vida religiosa realmente experimentar o amor?*

A pessoa não é suficientemente respeitada

É preciso ir agora além das boas intenções. Associar os cidadãos aos projetos de sociedade, dar-lhes confiança naqueles que os governam e na nação de que são membros, eis as bases sobre as quais assenta a vida harmônica das sociedades humanas. Muitas vezes, fenômenos como os protestos nas ruas ou o clima de suspeita de que a imprensa escrita e falada se faz eco, não são mais do que manifestações de insatisfação e de impotência perante necessidades fundamentais frustradas: não ver assegurados os seus legítimos direitos; não se sentir considerado como membro do projeto político e social; não entrever um início de solução para dificuldades que duram desde há anos. No fundo, todos os problemas de justiça têm como causa principal o fato que a pessoa não é suficientemente respeitada, nem tomada em consideração, nem amada por aquilo que é. *João Paulo II, ao Corpo Diplomático, no dia 6 de janeiro de 1993.*

ESPIRITUALIDADE APOSTÓLICA

*O consagrado não pode viver duas
vidas: uma espiritual,
de intimidade com Deus e os coirmãos,
e outra apostólica,
ministerial, de operador social.*

Irmão Tercílio Sevegnani, FMS
Florianópolis, SC

1. INTRODUÇÃO

Uma das riquezas da Igreja é a variedade de carismas concretizados nas múltiplas famílias religiosas. Estas famílias religiosas, conforme o seu carisma, vivem a espiritualidade de diferentes maneiras. Desde os Anacoretas e Cenobitas, nos primeiros séculos, passando pela via monacal, com seus grandes líderes espirituais como São Bento e São Bernardo; à espiritualidade dos mendicantes na idade média às novas famílias religiosas no período tridentino e pós-tridentino, como os jesuítas, vicentinos...; às famílias religiosas dos tempos modernos, iniciadas por Charles de Foucauld e Teresa de Calcutá... Todos tentam viver intensamente a dimensão espiritual da existência humana e do seu projeto de vida,

à luz da experiência de Deus manifestada na pessoa e obra de Jesus de Nazaré.

São Paulo, inúmeras vezes contrapõe o "homem espiritual" ao "homem carnal" (Rom 8; I Cor 12-13; Gál 5...). Para ele, o Cristão, por dom do Espírito Santo, edifica o "homem espiritual" como peregrino na história através do seguimento de Jesus Cristo, da edificação de sua Igreja e da espera criativa da nova vinda de Cristo.

Atualmente, na Igreja e na Vida Religiosa, há um despertar de interesses e atenções sobre o tema "espiritualidade" dado que se a percebe como fonte de identidade e como fonte de superação na atual situação de crise e renovação da vida religiosa.

2. ESPIRITUALIDADE: CONCEITUAÇÃO

2.1 — Desvios na compreensão da “Espiritualidade”

2.1.1 — *Espiritualidade não é algo “desencarnado”.*

Parte de uma visão negativa do mundo e das realidades terrestres e de uma concepção dualista do homem: alma-corpo espírito-carne; Igreja-mundo; vida eterna-vida passageira. O segundo pólo é inimigo e obstáculo do primeiro. Desta forma, o Cristão, para ser “homem espiritual”, deveria retirar-se e fugir das realidades terrestres, para não ser contaminado. Quanto mais distante da realidade e insensível ao mundo, tanto mais seria “espiritual” e perfeito. Desta concepção resulta um espiritualismo de fuga sem conexão com a vida concreta e a história do homem. Homem espiritual se equivaleria a fugitivo do mundo e a vida espiritual aconteceria num “segundo andar invisível” da existência.

2.1.2 — *Espiritualidade não é repetição de “exercícios espirituais”.*

Quando há esta confusão, acentuam-se os momentos estanques, muitas vezes fugazes, de “oração formal” ou de outras práticas piedosas, decorrentes do esforço e da ascese do homem. Faz-se dos meios um fim em si mesmo. É certo que o jejum, meditação, exercícios de piedade, as penitências corporais... ajudam a manter acesa a chama da

vida espiritual, mas não se pode dizer que disto virá a salvação da pessoa. Se fosse isso, a espiritualidade seria o resultado do esforço da vontade do homem e não da aceitação e acolhida gratuita da ação de Deus e de seu espírito.

2.1.3 — *Espiritualidade não é um privilégio para poucos.*

No caminhar da história houve um estreitamento do conceito paulino da espiritualidade. Houve a monopolização pelos sacerdotes e religiosos e a espiritualidade, muitas vezes, foi transformada em “místicas herméticas” inalcançáveis aos cristãos comuns.

Aos poucos os sacerdotes e religiosos foram tendo uma posição de destaque e de *status* dentro da Igreja, isolando-se da massa do povo, pelo seu saber e poder. Com relação à Espiritualidade apareceram duas classes de pessoas. Na frente, a classe de elite, geralmente formada pelos sacerdotes e religiosos, que estavam num “estado mais perfeito” e após vinha o povo, que “apenas observava os mandamentos”, sem aspirar a outros “degraus” da santidade. A espiritualidade cristã, com suas técnicas de aperfeiçoamento, treinamento ascético e linguagem teológica, tornou-se um artigo complexo, alcançável somente para uma elite de pessoas.

2.1.4 — *Espiritualidade não é privilegiar a intimidade e o individualismo da pessoa.*

A insistência na fuga do mundo, no esforço pessoal, na dimensão

pessoal ocasionará um acento muito grande na vida espiritual particular e na relação indivíduo-Deus. Com isso, as relações da pessoa com o mundo e com os homens eram vistas com suspeita e como obstáculos à caminhada espiritual, ocasionando o individualismo e o fechamento.

2.2 — Características da Espiritualidade Cristã

2.2.1 — *Descoberta do Absoluto de Deus.*

Ser homem espiritual é empenhar-se em descobrir a realidade de Deus no coração da vida e das coisas. Nesta ânsia de mais ser, o homem sente sede de desenvolvimento e de superação das condições humanas. Nesta busca, frequentemente, cai na tentação de cultivar a matéria, o passageiro e o efêmero. Neste caso, sempre fica o gosto da insatisfação porque, por trás destes enganos, está a busca da verdadeira vida. O homem sente dentro dele o gosto e a sede do essencial; busca o seu sentido e direção.

Ao longo da humanidade, as religiões são tentativas de tomada de consciência da presença e atuação do absoluto, querendo responder a questão fundamental do sentido da vida e da descoberta da realidade mais profunda do homem. Esta busca e ânsia de mais ser, do absoluto, não acrescenta uma estrutura nova à vida humana. A vida espiritual não é um acréscimo exterior, é a vida normal trabalhada a partir do

interior, a partir do Absoluto, que além de estar no íntimo do coração, faz história, faz uma aliança e caminha à frente do homem.

Esta busca do Absoluto, pelas suas características, passa pelo conhecimento e descoberta de si mesmo. À medida que o homem descobre o Absoluto vai descobrindo-se e integrando-se a si mesmo.

2.2.2 — *Sabedoria Cristã.*

Na vida espiritual a pessoa faz a experiência de que o "absoluto", o "inacessível", o "grande" torna-se fragilidade, sensibilidade, carne, na pessoa de Jesus de Nazaré. O cristianismo oferece uma espiritualidade encarnada porque Deus "tornou-se homem e habitou entre nós", veio sofrer nossas dores, viver nossa vida. Por isso a espiritualidade cristã não consiste tanto em técnicas de internalização e fugas do material, mas é vida nova na força do Espírito de Jesus que nos é doado.

Por esta razão, para empreender a vida espiritual se faz necessária a Sabedoria, que é dada aos pequenos e é vedada aos auto-suficientes. Todos os grandes homens espirituais e fundadores estavam convencidos disso. Já o Antigo Testamento falava do espírito que habita no interior do homem, que orienta a sua vida e o ensina a ser segundo Deus.

Isto se faz necessário porque o homem sempre se sente entre duas dimensões de sua existência: "vida na carne" e "vida no espírito". De

um lado, tudo no homem se revela passageiro e com marcas de morte, percebe que não é Deus, não é realidade absoluta, mas relativa. Para superar esta realidade o homem tenta fazer arranjos existenciais, fechando-se, às vezes, no relativo e na auto-suficiência. Ao contrário, para compreender o mistério de sua própria existência, deve aceitar sua dependência para com o Criador e sua condição de estar vivendo "na carne". Assim pode relacionar-se com Deus e viver numa aliança de amor que o Senhor lhe propõe. Desta maneira, carne e espírito se unem na realidade única do homem.

Muitas vezes o homem sente uma tensão e se sente dilacerado entre esses dois pólos. Frente a esta tensão surgem duas possibilidades:

— Pode organizar a sua vida segundo a carne. Esta escolha terá as seguintes características:

* A realidade material, a "terra", será sua única realidade e horizonte.

* Procurará desenvolver esquemas e habilidades para conseguir bens e manipular as pessoas para obter vantagens "terrenas". É o "homem velho"; segundo São Paulo é o homem entregue a si mesmo.

* São Paulo, em Gal 5,19-21 enumera as obras da carne.

— Pode organizar a sua vida segundo o espírito, com as seguintes características:

* Acolhe com humildade os limites, a finitude no "ser na carne".

* Não se deixa dominar pela realidade material. É senhor das coisas.

* Consegue entrar em processo de libertação das injunções da vida.

* Sabe que conseguirá o "descanso do coração" somente ao encaminhar-se para Deus e colocar Deus como centro e base da própria vida.

* Vive filialmente em relação a Deus e fraternalmente em relação aos irmãos.

* Percebe que Deus quer "divinizar" a carne e habitar nele. Compreende que sua condição humana está salva porque "o verbo se fez carne e habitou entre nós".

* Aceita que Cristo vá modelando a sua imagem.

Este segundo modo de viver é sabedoria cristã, que é dom, vem do alto e é dada aos pequenos. Tem sua fonte no aniquilamento de Deus em Jesus de Nazaré e acontece na pessoa quando consegue "morrer a si mesmo". É dom do Senhor e depende da abertura do homem a Deus e muito pouco das suas obras. Neste sentido, o homem espiritual é verdadeiro sábio.

Desta sabedoria decorre outra característica da Espiritualidade cristã: a simplicidade. Haverá simplicidade na maneira de relacionar-se com o absoluto, de participar da Igreja; na maneira de concretizar os gestos de amor, perdão, serviço, de enfrentar os golpes duros da vida e da morte. Diante dos

problemas de pobreza, doença, seca... haverá uma capacidade de enfrentar as situações e agüentá-las com coragem, percebendo sempre, além das aparências, a presença real de Deus.

2.2.3 — *Seguimento de Jesus Cristo.*

A verdadeira espiritualidade tem na sua raiz o seguimento de Cristo. Os grandes homens espirituais, marcados pelo evangelho, atraídos por Deus e guiados pelo seu Espírito, passaram a querer Jesus Cristo e relativizar os projetos humanos. Seguem com radicalidade o apelo evangélico de despojamento de si para transformar-se em criaturas novas em Cristo. Relativizam muita coisa em função do Reino de Deus (Sermão da Montanha). Entram em processo de conversão marcados por esse itinerário de seguimento de Jesus.

2.2.4 — *Encarnação na história.*

Toda espiritualidade cristã tem como característica a inserção num contexto preciso da história. Neste sentido, espiritualidade é captar uma nova leitura da realidade a partir do Evangelho e da ação do Espírito em determinada época. Todos os fundadores foram pessoas muito inseridas na história e a partir da leitura da realidade com o olhar de Deus sentiram a moção do Espírito para fundar uma nova obra.

Por esta inserção na história compreende-se que a espiritualida-

de, hoje, para nós, traz uma conotação de libertação, de promoção integral da pessoa e de respeito à dignidade do homem. O homem espiritual se insere no meio das lutas, contradições e conflitos, mas enquanto inserido na realidade-Deus. Ao mesmo tempo, mergulha em Deus e na realidade: mantém contato com o absoluto e consegue penetrar as engrenagens da vida humana. Será homem de paz, reconciliação e amor. Lutará para encarnar os valores evangélicos e compreenderá que esta encarnação dos valores não acontece sem conflitos e lutas. Será solidário com todos os que vivem na escravidão e lhes anunciará, por palavras e gestos, que o Reino de Deus chegou.

2.2.5 — *Profetismo e Solidariedade.*

Quando o homem tem Deus como centro da vida descobrirá seus projetos e começará a lutar por eles. Se sentirá enviado e impelido a anunciar e proclamar os planos de Deus, a transmitir suas advertências e denunciar o que não está de acordo com este plano. Tomará a iniciativa de agir e realizar, na frente dos outros. Neste sentido, a espiritualidade sempre tem uma conotação "revolucionária" e comunitária. Tem caráter social e comunitário e se traduz em perseverança, espírito de luta e de solidariedade.

2.2.6 — *Na Oração e na Ação.*

Como vimos, o homem espiritual é extremamente ativo, batalhador e

inserido na história do homem. Mas, ao mesmo tempo, à medida que vai despojando-se de si, descobrindo Deus e sua ação na sua vida e na história, não pode privar-se da oração contemplativa e meditada. Sente a necessidade de manter contato pessoal, reflexivo e efetivo com Deus. Os grandes homens espirituais sempre têm "fome" de oração. Sua oração os leva à presença de Deus, em qualquer lugar e situação em que se encontrarem. Onde estiver — no Ofício Divino, nos jardins, na aula, no meio do povo — suas ações serão sempre expostas a Deus. Sua oração será simples, sempre ligada ao contexto social e ao mundo em que vive, percebendo que Deus está em todos os lugares. As várias categorias de vida serão unificadas pela oração.

2.2.7 — *Processo Dinâmico.*

O homem espiritual sente-se sempre a caminho, um peregrino. Tem consciência de que não pode parar, sabe que precisa ir abandonando idéias, hábitos e práticas. O caminho da transformação e da obediência ao Senhor nunca acaba. Sabe também que não é possível prever a totalidade do caminho. Caminha na esperança, mesmo contra muitas aparências que assustam, acreditando na potência e eficácia da ação de Deus.

3. MISSÃO — CONCEITUAÇÃO

Quando se fala em formação, na vida religiosa, sempre surge uma questão central: formar para quê? Na resposta a esta pergunta sur-

gem 3 tendências. Quando uma delas se torna exclusiva pode prejudicar a formação.

— Crença que a Vida Religiosa nasce e se renova, a partir de uma profunda experiência de Deus. Absolutiza a dimensão espiritual e intimista. A missão, confundida com a ação apostólica, é vista apenas como consequência, como um apêndice que não acrescenta nada à essência da vida religiosa.

— A tendência a priorizar a integração humana, afetiva e psicológica. Parte-se da premissa de que pessoas desintegradas nesses campos terão dificuldades para uma autêntica experiência de Deus e para a atividade apostólica.

— A tendência a priorizar o compromisso apostólico, especialmente entendido como opção pelos pobres e inserção no meio deles. Acredita-se que, a partir desta experiência com os pobres, surge a experiência de Deus e a integração humano-afetivo-psicológica. Fala-se em formação na inserção.

São três caminhos diferentes para formar para a Missão. Parece que esta confusão decorre da não-compreensão do termo "Missão".

3.1 — **Significados do termo Missão — Desvios**

3.1.1 — *Atuação Eclesial "Ad Gentes".*

É uma compreensão pré-conciliar. Implica em deslocamento espacial: deixar a região ou o país

para ir ao encontro dos não-cristãos. Ser missionário é deixar a própria terra.

3.1.2 — *Exercícios de práticas pastorais.*

Pensa-se estar desempenhando a missão quando há deslocamento da casa religiosa para a periferia, escola, catequese, reunião de grupos... Missão seria algo extrínseco ao ser religioso e a missão acaba quando o religioso volta ao convento.

3.1.3 — *Tarefa recebida.*

Ouve-se muitos religiosos afirmarem que receberão a "missão" de dar catequese, dar aula, ser diretor... como se a missão fosse um emprego, a ser exercido durante 8-10 horas de trabalho. Sabemos que a missão se situa na ordem do ser, que é perene e perdura no tempo, enquanto a tarefa é apenas uma concretização histórica e transitória da missão. As tarefas são relativas e mudam com o tempo. Neste caso afirma-se que a missão, entendida como tarefa, localiza-se na ordem do fazer. Resulta daí a compreensão da missão como apêndice do ser religioso. Não acrescenta nada ao ser religioso, por isso, é dispensável. O importante é ser religioso, a consagração. Por outro lado, compreender e definir a vida religiosa a partir da tarefa apostólica é insuficiente.

3.2 — **Significado do termo Missão**

Pode-se compreender o significado do termo Missão, a partir da

missão de Jesus e da Igreja, isto é, em chave cristológica e eclesiológica.

Chave Cristológica:

O mistério mais profundo de Jesus é ser enviado pelo Pai aos homens, sem confundir isso com as expressões e os caminhos históricos (tarefa) através das quais exerceu esta missão. O envio-missão constitui o ser de Jesus. Percebe-se que o ser de Jesus é um "ser para": para o Pai, de quem procede, e para os homens, a quem é enviado. Jesus é não para si e em si mesmo, mas para o outro. Por isso não se pode reduzir a dimensão missionária de Jesus somente ao período da vida pública. Jesus é enviado do Pai e está em Missão desde a encarnação, na vida oculta de Nazaré, quando trabalha, reza, descansa, etc... A missão de Jesus compreende o ser Filho e o ser enviado. Assim também o religioso é consagrado e enviado e isto faz parte da sua missão.

Chave Eclesiológica:

A Igreja é enviada como sinal e instrumento do Reino (Evangelii Nuntiandi nº 14). A Igreja se define e se compreende não como grandeza absoluta que tem em si sua razão de ser. Compreende-se a partir da missão-envio. Sua razão de ser e sua identidade está no envio, na sua relação com a humanidade.

Partindo destas chaves de compreensão, a vida religiosa se define a partir do envio, tem sua identi-

dade na missão. Seguir Jesus Cristo é abrir-se ao OUTRO (Pai) e aos outros (homens). O religioso é um dom do Pai aos homens. Por isso a vida religiosa é essencialmente missionária, isto é, enviada. Como vimos, a missão não se caracteriza pelo deslocamento espacial e nem por uma tarefa desempenhada em um momento específico. Caracteriza-se por sua dimensão ontológica enraizada no ser de Cristo e da Igreja. O religioso é missionário quando rompe seu narcisismo e fechamento em si mesmo. Já é missionário no seu ser (enviado), mas explicita esta dimensão no momento em que está voltado para o outro. Todas as suas atividades, quando voltadas para o outro, são missionárias. Os momentos de oração pessoal e comunitária, os momentos de estudo e reflexão, os momentos da vida comunitária, do trabalho catequético-escolar... são profundamente missionários, se voltados para o outro. Neste sentido, a missão não é apêndice mas razão de ser da vida religiosa. Surge daí a espiritualidade do radical-ser-enviado. É uma "espiritualidade apostólica".

4. ESPIRITUALIDADE APOSTÓLICA: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

Como vimos, a Espiritualidade não deve ser confundida com atos ou momentos estanques da vida. É a vida que decorre de nossa relação com o Deus que chama a ser filho e que envia para o outro. Compreende as relações da pessoa con-

sigo mesma, com a criação, os outros e Deus. Abrange a totalidade do ser. A seguir, veremos alguns elementos constitutivos da espiritualidade apostólica:

4.1 — Teofania

Todo o projeto carismático na Igreja contém 3 elementos: espiritualidade, carisma e ação concreta. A espiritualidade é a fase inicial da revelação do próprio projeto, onde o consagrado descobre sua identidade e vocação fazendo uma experiência particular de Deus. Assim foi com Champagnat, que "cativado pelo amor de Jesus e Maria..." (*Const. 2*). Esta experiência deu origem a sua espiritualidade e seu zelo apostólico. Esta experiência específica de um aspecto da realidade de Deus na realidade concreta não é algo íntimo, que fica dentro da pessoa e é intraduzível. Ao contrário, ela é reconhecida e traduzida em projeto de vida. A experiência de Deus contém sempre na sua essência o envio. Necessariamente a teofania está ligada à missão. Por isso, a espiritualidade, necessariamente é apostólica e missionária, pois será descoberta do Deus que envia e de ser enviado. Foi esta também a experiência de Jesus. Se a espiritualidade não contém estes elementos, torna-se alienante, uma experiência ilusória de Deus e haverá um dualismo e oposição entre espiritualidade e missão. Ter boa vida espiritual não é apenas estar em dia com os exercícios de piedade, mas é reconhecer-se naquilo que prega, é estar convicto

de ser consagrado e enviado. É ter consciência de ser filho, ser enviado. Desta maneira, o homem espiritual anuncia o que contempla e vive como fato místico o seu serviço.

Desta realidade decorre a necessidade de uma espiritualidade apostólica com valores, exigências e modalidades próprias. A missão e mesmo a ação apostólica concreta pertencem a própria natureza de nossa vocação (Const. 17). Disto decorre uma espiritualidade de enviado entre as gentes e deste estar entre as gentes provém a vida e a oração do apóstolo e deriva um estilo de vida com conteúdos, linguagem, relacionamentos próprios influenciando até a localização e arquitetura da moradia.

4.2 — Historicidade

A história concreta é o segundo elemento da espiritualidade apostólica (Const. 2). Seria um reducionismo limitar a espiritualidade à atividade do espírito, à interioridade da pessoa. Nesta inserção na história a espiritualidade fornece a inspiração original, revela o modelo ao qual conformar-se e indica o processo a seguir. Portanto, movimenta todo o processo de internalização dos valores do carisma, todo o processo de transformação operada por Deus na pessoa. Portanto, a espiritualidade deve ser para a missão, que é o objetivo do projeto de consagração. A própria experiência espiritual torna-se anúncio. A verdadeira espiritualidade

deve poder ser pregada, anunciada e tornada visível.

4.2.1 — *Espiritualidade em situação.*

A espiritualidade não é igual para todos pois se adapta ao ambiente e é suscitada também pelas situações concretas. Ela é verdadeira se parte e é suscitada também pela história. Por isso ela é impregnada de "mundanidade", deve ser aculturada para poder ser exprimida em situação de secularidade, traduzida em dialeto local. Isto não é somente problema de linguagem e comunicação, mas é questão de coerência interna e de unidade de vida. O consagrado não pode viver duas vidas, uma "espiritual", religiosa, de intimidade com Deus e os irmãos, e outra apostólica, ministerial, de operador social. Isto seria o fim do projeto de consagração e uma situação psicológica insustentável (esquizofrenia). Se a espiritualidade do religioso não incide e também não provém da ação apostólica, qualquer leigo poderia desempenhar esta ação apostólica.

Para o religioso, os valores do carisma, votos, etc... são fonte de identidade, de positividade de si, de provocação a tornar-se o que é chamado a ser e necessariamente devem manifestar-se em todas as dimensões de sua vida concreta. Isto depende da própria experiência original (teofania). É importante ser capaz de mostrar aos demais o que está na origem da opção existencial e que continua a atrair e a dar sentido à vida.

4.2.2 — *A Espiritualidade verdadeira é socialmente eficaz.*

A espiritualidade como testemunho de vida e ação não somente acontece na vida pessoal, mas é sempre expressão de uma comunidade de pessoas que se reconhecem numa "matriz" espiritual e tem como destinatário um "sujeito coletivo". A espiritualidade não é algo privado para a perfeição individualista. É força e dinamismo que pode mudar a história e construir a civilização humana (Ex: Fundadores). Por isso deve ser adaptada e encarnada, rica em valores próximos à realidade. Neste sentido, nós como Maristas temos valores como a simplicidade, humildade, o espírito de família e de trabalho, a presença e fraternidade, a devoção marial... muito próximos ao povo, que se bem vividos nos inserem na realidade e farão nossa presença e ação muito eficazes na sociedade.

Por isso a espiritualidade apostólica tem em si a capacidade de se adaptar à gente comum, consegue se inculturar, adaptar-se ao mais humilde. A vida religiosa não é aristocracia, não é "grupo dos perfeitos", mas é dom do Pai dado a todos, especialmente aos mais humildes.

4.2.3 — *A Espiritualidade Apostólica se manifesta como dom dentro da Igreja.*

A espiritualidade deve ser anúncio de salvação, portanto, tem caráter kerigmático e pascal e está inserida na Igreja local. A Igreja local é o lugar onde anunciar, onde

tornar visível e pôr à disposição o patrimônio espiritual de uma congregação e comunidade. Neste sentido, o carisma é sempre um dom que é dado para "perder-se" na Igreja, e não para ser separado e guardado. Deve desaparecer como a água na terra, como o sal e o fermento no pão.

4.3 — **A Espiritualidade acontece e se desenvolve na missão e ação apostólica**

É na experiência de ser filho e de ser enviado, e na ação apostólica concreta que nasce o projeto de vida espiritual. Portanto, a missão é matriz de espiritualidade e é nela que a vida espiritual se qualifica e se enriquece. Espiritualidade não é somente energia anterior à ação que leva a fazer, mas é experiência da ação de Deus na própria vida e na história, é descoberta do Deus que se anuncia e realiza o seu Reino. Neste sentido, a ação apostólica é um dos campos privilegiados da experiência do divino, juntamente com o contato freqüente com o Senhor.

4.3.1 — *Na escuta da PALAVRA*

Como a espiritualidade parte de uma experiência pessoal de Deus, a sua Palavra, a liturgia do dia... é o ponto de partida de toda a espiritualidade. Neste sentido, a PALAVRA da liturgia diária é como o maná do deserto, enviado por Deus, para o dia, de acordo com a necessidade cotidiana (Ex 16,4ss). Será esta Palavra que revelará a vontade de Deus e a identidade do apóstolo.

Por isso a "lectio divina", como escuta virginal é imprescindível na vida do apóstolo. Na Lectio Divina, revela-se o sentido de si mesmo, da vida concreta, dos fatos e situações.

4.3.2 — *No Cotidiano.*

Muitas vezes o cotidiano, com os mesmos deveres, coisas a fazer e pessoas a amar é pesado. Mas é nesse cotidiano que a PALAVRA deve realizar-se e o religioso deve ser apóstolo e deve encarnar-se. A lei da encarnação é exigente. Não é fácil viver a rotina como homem espiritual. Exige muita constância e fidelidade. No cotidiano a espiritualidade é luz, verdade... que leva o religioso a deixar-se provocar pelos eventos e fatos e perceber neles a presença e a ação de Deus. Neste sentido dá-se uma "osmose" entre PALAVRA e HISTÓRIA. As necessidades, esperanças, sofrimentos, desesperos do povo não serão apenas úteis fontes de informações para programar a ação apostólica, mas fonte de espiritualidade, manifestação da presença e apelo de Deus, o lugar teológico que espera o cumprimento do mistério da Boa Nova.

Por isso o consagrado sente-se filho da história, agente que deve favorecer o encontro entre o humano e o divino e apresentar pela vida e ação o Reino de Deus. Não condena ou foge da história, ao contrário, sente-se solidário e responsável por ela, mesmo que, frente a muitas situações, não tem respostas e não vê claro.

4.3.3 — *Em Caminho.*

O homem espiritual sente-se sempre a caminho, peregrino na fé, no "deserto" da vida. Não se sente auto-suficiente como doutor da lei e mestre da fé, mas como alguém que está em busca, que está disposto a caminhar no escuro e deixar-se conduzir e construir pelos fatos, pessoas e pela PALAVRA. Mesmo que, muitas vezes, encontre a escuridão, é capaz de caminhar e contemplar ao mesmo tempo. Por isso, diante da história e da PALAVRA, cada dia será uma Teofania.

4.3.4 — *Como "pobre" e com o pobre.*

O homem espiritual sente-se como o "pobre de Javé", que tudo espera do Senhor. Faz a experiência que Deus se manifesta no pobre e humilde e sente-se atraído a dedicar sua vida pelo pobre, pelo fraco e necessitado de salvação. Percebe os lugares mais carentes de presença de Deus não como assustadores, mas como lugares próprios para a experiência espiritual. Neste sentido, o contato com situações de pobreza e miséria são importantes para a purificação da própria espiritualidade. Nesta experiência espiritual perceberá a "paixão" de Deus pelo homem. De novo nota-se que a base da espiritualidade apostólica não é a "busca de perfeição" mas a doação. A perfeição é uma consequência da capacidade de doação ao Pai e aos homens.

Desta reflexão sobre a Espiritualidade Apostólica, três elementos surgiram como importantes:

* O contexto cultural — social: a história.

* Os valores evangélicos (PALAVRA) que são perenes e que devem ser atualizados.

* A Pessoa que procura integração e sentido de vida.

5. ESPIRITUALIDADE APOSTÓLICA: INTERVENTOS FORMATIVOS

Como conseqüência do que foi analisado nas páginas precedentes, pode-se concluir que formar à espiritualidade é formar para a missão. Missão com conceito muito mais amplo do que simples atividade apostólica.

Formar para a missão não é simplesmente capacitar a pessoa para as práticas pastorais, para análises críticas da realidade ou para métodos de evangelização. É capacitar a pessoa a desenvolver um processo de identificação com Jesus, que a leva a participar de seu projeto e destino; de seu ser-enviado-ao-mundo; na sua abertura incondicional ao Pai e compromisso radical com o Reino no mundo. Nesta formação, dois perigos devem ser evitados: formar para um intimismo com o Pai, sem compromisso concreto ou formar para a construção do Reino sem o ABBA.

Como vimos, consagração e missão se identificam, se equivalem. Conseqüentemente, a formação à missão abarca todos os setores da vida do Reino, é um processo que reconhece a temporalidade como

dimensão de todo crescimento humano e espiritual. A formação deve respeitar esta temporalidade. Por isso na formação deve-se reconhecer que há necessidade de recuos educativos, de momentos fortes, privilegiando certas dimensões para que possa haver cultivo pessoal e aquisição de disposições morais e espirituais. A seguir estarão elencados uma série de áreas que devem estar presentes no processo de formação da espiritualidade apostólica, especialmente na formação inicial. Embora se faça uma divisão pedagógica, deve haver unidade na formação, embora com acen-tuações diversas, de acordo com as "exigências de temporalidade".

5.1 — Formação da dimensão cultural

Vivemos numa sociedade de explosão cultural, onde aparecem muitas novidades e um grande pluralismo de idéias e de visões filosóficas do mundo e do homem. Nesta sociedade, nem a vida religiosa e nem a Igreja retém o protagonismo cultural como tinha em outras épocas. Em certas épocas a vida religiosa foi protagonista na organização da produção agrícola, intelectual, artística, na evolução social, na reflexão filosófico-teológico-espiritual. Hoje requer-se do religioso novos tipos de presença e serviço na sociedade. Deve ser operador cultural e animador evangélico, capaz de dialogar com o mundo e mostrar uma visão do mundo e da história que provém da revelação. Por isso na formação deve-se evitar toda atitude anti-intelectua-

lista. Deve haver uma formação para o estudo sério e estima da cultura como primeiro gesto de amor e dedicação ao mundo. Para esta inserção na cultura requer-se certas atitudes:

5.1.1 — *Estudo.*

Hoje há uma queixa generalizada sobre o pouco interesse no estudo sério e prolongado entre os candidatos à vida religiosa. Preferem logo a prática pastoral. Várias causas são citadas, como: falta de motivação, falta de hábito, alienação dos atuais estudos universitários (burguês), vocações provindas dos meios populares...

Neste setor, pode aparecer a tendência a estudar para si mesmo, como busca de valorização, como tentativa de igualar-se à classe dominante ou para buscar um poder-dominância. Mas quando o estudo é encarado como atividade pastoral, torna-se uma busca de saber-serviço e de um saber-doação. Isto não exclui estudos sérios e prolongados. Leonardo Boff, dirigindo-se a religiosos inseridos afirma que não se deve ter medo de estudos sérios e da cultura científica, pois o apóstolo inserido tem necessidade de um saber crítico para provocar transformação. A falta de estudos sérios leva a perder o "trem da história". A capacidade de compreensão e reflexão sobre a vida, sobre a estrutura das coisas e da sociedade... é importante para a ação apostólica e para a espiritualidade.

5.1.2 — *Capacidade de diálogo construtivo.*

O apóstolo deve ter a capacidade de reconhecer os valores existentes na sociedade e de reconhecer e implantar os valores do Evangelho que faltam na sociedade.

5.1.3 — *Humildade.*

O apóstolo não deve ser auto-suficiente, julgando-se um doutor da lei que só tem a ensinar e transmitir. É o primeiro a sentir-se necessitado de salvação e de aprendizagem. Por isso é aberto a captar os valores que vêm do Evangelho e os que vêm da realidade.

5.2 — **Unidade entre Maturação Humana e Espiritual**

A pessoa, embora tendo várias dimensões, forma uma unidade. É na pessoa concreta que acontece a experiência espiritual. Para que haja esta unidade, algumas medidas pedagógicas se fazem necessárias:

5.2.1 — *Ajuda personalizada.*

Como a pessoa é única, tem sua própria experiência humano-espiritual, com conteúdos, processos, tempos e dinâmicas específicas, a formação não pode ser "coletiva". Deve ser personalizada, de acordo com a realidade e a "verdade" de cada um.

5.2.2 — *Percepção da "Vida Espiritual" como centro unificador da vida.*

Para isso deve-se ajudar o jovem a ter consciência da própria consagração, que contém os elementos do "ser filho" e "ser enviado". As-

sim fará a experiência de em Cristo ser criatura nova, habitada pelo Espírito, e desta experiência surgirá a intencionalidade de viver por Cristo e não para si, e de doar-se na construção do Reino.

5.2.2 — *Verificação e avaliação periódica.*

Para esta verificação o agente não pode ser somente o próprio sujeito. Deve haver a presença do orientador, da comunidade formativa... Para isso é importante que haja unidade entre a equipe formativa e a proposta formativa.

5.3 — **Unidade entre "Missão" e "Vida Comunitária"**

Sabemos que a comunidade não é um fim em si mesma, não é um oásis onde se quer gozar o que em outros lugares não existe ou para estabelecer relações gratificantes.

Por outro lado, sabemos que a comunidade é essencial à vida consagrada. Cristo formou comunidade e enviou em comunidade. Na comunidade o apóstolo vive o que deve anunciar.

Para a formação da "comunidade missionária" os seguintes aspectos parecem ser importantes.

5.3.1 — *Formação para o sentido de pertença.*

Na psicodinâmica vocacional o carisma forma o eu-ideal do consagrado. Diante deste eu-ideal sente-se aos poucos chamado, inclinado, atraído. À medida que o vai assu-

mando, este eu-ideal lhe dará um senso de plenitude. Aos poucos, vai nascendo a decisão de entregar-se a tal projeto. Com tal objetivo, entra numa família religiosa, na qual este projeto se concretiza. Nesta dinâmica, aos poucos vai nascendo o sentido de pertença. Este não deve estar apenas baseado em emoções e sentimentos, mas deve ser fruto da identidade pessoal e da pertença ao carisma e vai-se traduzindo em capacidade de aceitar influência dos outros e de ser dom para os outros.

5.3.2 — *Formação para o sentido da missão.*

O impulso apostólico é essencial para a vida comunitária. A comunidade nasce para a missão. A missão torna-se força de desafio, elemento formador (para quê), forma a identidade da comunidade, oferece modelos existenciais. Formar comunidade é pensar-se em função missionária, é viver juntos em vista do anúncio. A missão coloca a comunidade em relação com seus interlocutores fundamentais: o Pai e os outros. A experiência de ser filho e irmão, vivida em comunidade, é fundamental para a espiritualidade apostólica.

Eis alguns modos de ser da comunidade apostólica:

— *Comunidade em atitude de discernimento*: sente-se peregrina, não dona da verdade, que deve ir descobrindo a verdade aos poucos diante da realidade complexa e às vezes dramática. Isto exige abertura à Palavra de Deus e à realidade,

diálogo comunitário, partilha dos dons e instruções pessoais.

— *Comunidade de serviço*: a comunidade será apostólica se cada um for servo do outro e dos Irmãos e viver esta diaconia com serenidade, alegria e autenticidade.

— *Comunidade reconciliada*: os membros farão a experiência de que não são perfeitos e auto-suficientes, de que continuamente necessitam de salvação e da misericórdia de Deus e dos irmãos. O perdão torna-se o pão cotidiano da comunidade. Sem misericórdia a comunidade não subsiste. Por isso na dinâmica comunitária a correção fraterna, a revisão tornam-se meios muito importantes.

— *Comunidade alegre e acolhedora*: a alegria é fruto da reconciliação e da presença do amor de Deus. Se isto estiver presente na comunidade, haverá alegria na convivência, na oração, na refeição, no gozo pelos frutos do apostolado e da doação... Esta alegria será sinal da presença e do amor de Deus.

— *Comunidade flexível*: a comunidade empenhada no apostolado deve ser flexível. Ao mesmo tempo, deve ser capaz de salvaguardar os momentos fortes e essenciais da vida comum e, por outro lado, não fazer de cada problema uma questão de princípio.

5.3.3 — *Integração Afetiva.*

Esta está diretamente relacionada à capacidade de relacionamento

e à missão. Porque missão é ser-para-o-outro. Sabemos que uma afetividade desintegrada leva à busca de si, ao fechamento e a relacionamentos conturbados. Por isso, na formação, deve-se oferecer meios de auto-conhecimento como leituras, cursos, avaliações comunitárias, acompanhamento pessoal, etc.

5.4 — **Construção do “Homem Espiritual”**

Na sociedade de hoje percebe-se a falência do homem narcisista e individualista na busca de sentido de vida. Diante desta busca, o cristianismo oferece uma via segura: viver a alteridade. Para ser homem integral deve haver a capacidade de entregar-se a Deus e aos homens. Neste sentido, a espiritualidade apostólica atinge todas as dimensões: corporal, intelectual, religiosa, pessoal, comunitária, política, etc... quando estas dimensões são animadas pelo Espírito de Jesus. O cerne desta espiritualidade é viver para o outro — Pai e homens. Por isso, dar prioridade ao ser na sua capacidade de doação será um ponto central na formação. Como aparece na vida de Jesus esta capacidade de relação, como ponto central da espiritualidade apostólica, tem duas dimensões:

— *Relação com o Pai.*

Desenvolve-se através do cultivo da experiência de intimidade, transparência e filiação na relação com o Pai. Para isso são importantes os momentos de silêncio e escuta, de oração, meditação e contemplação.

Através destes meios a pessoa começa a captar o sentido profundo das coisas e a presença de Deus na realidade e na história. Uma das atitudes fundamentais nesta relação será a de reconhecer-se frágil, pecador, necessitado de salvação. Esta atitude permite a abertura filial ao Pai, ao agradecimento, louvor e petição e leva a evitar atitudes de auto-suficiência.

— *Relação com os outros.*

Em Jesus, a abertura ao Pai o levou a abertura aos homens. A oração e contemplação o levaram ao compromisso, e a doação ao homem produziu maior união com o Pai. Para o apóstolo, o sentir-se enviado faz parte da essência da própria vocação e espiritualidade.

Diante destes dois pólos da espiritualidade apostólica, há a tendência de acentuar um dos pólos em prejuízo do outro. Há o perigo de acentuar a "relação com o Pai" de uma forma intimista e individualista e considerar a relação com o outro e o mundo como obstáculo para esta comunhão com o Pai. Por outro lado, há também o perigo de querer construir o Reino sem o ABBÁ, caindo no ativismo ou em ideologias. Sabemos que haverá profecia somente onde surgir a novidade de Deus. Profecia é força espiritual, força vital do espírito. Na formação é imprescindível, mas também difícil, manter este equilíbrio na bipolaridade — abertura ao Pai e compromisso com o Reino. Será sempre um processo dialético.

Na oração concreta, há sempre a tendência de pretender momentos de Horeb e de Tabor. Mas para o apóstolo, é imprescindível perceber que também no meio do povo, na confusão e fadiga é lugar para o encontro com Deus. É na realidade concreta que Deus se revela. Por isso um dos conteúdos importantes da oração do apóstolo deve ser a adoração e a admiração. Admiração diante da confiança e o amor do Pai pelo fato de tê-lo chamado, diante dos dons que possui, diante das inúmeras manifestações de Deus nos outros e na realidade...

5.5 — **Atividade Apostólica**

A atividade apostólica não se identifica com Missão, é apenas um dos elementos do ser missionário. No processo de formação, o princípio de temporalidade exige iniciação na atividade apostólica. Sabemos que pode-se desenvolver grandes atividades pastorais sem que estas sejam missionárias, isto é, para o Pai e para o outro. Podem ser apenas expressões da busca de si mesmo, valorização, aplausos, sucesso. Por isso, na iniciação pastoral, é imprescindível levar o jovem a ser-para-o-outro. Para que esta iniciação seja fator de crescimento é importante também respeitar a situação do formando, para que não tenha que enfrentar situações demasiadamente desafiadoras. Se for demasiado desafiadora, suscitará muitos medos e inseguranças, levando o jovem a repressões infantis.

Ao contrário, se as situações a enfrentar são proporcionais às suas forças, será capaz de enfrentar esta realidade com a mística da esperança, alegria e perseverança pas-cal.

Por isso é importante, na experiência apostólica, abrir espaços para a alegria e a festa pelas pequenas conquistas do Reino e ajudar o jovem a captar, contemplar e celebrar a glória velada de Deus que aparece em meio às sombras e contradições.

Questões para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. *Das diferentes características da espiritualidade cristã, apontadas pelo autor, quais parecem no mundo de hoje serem mais significativas para nos ajudarem a uma maior autenticidade espiritual?*

2. *Você percebe que o seu processo formativo proporcionou-lhe uma espiritualidade voltada para a missão? Onde você percebe luzes maiores, onde sombras comprometeram o processo?*

3. *Considerando sua comunidade concreta, quais os sinais mais positivos que se podem observar da unidade entre missão e vida comunitária (veja a parte final do artigo)?*

BIBLIOGRAFIA

(1) "O que se entende por Espiritualidade?", de Frei Almir Guimarães, OFM, em *Convergência* nº 179, Jan/Fev. de 1985, pp. 3-10. (2) "Espiritualidade e Profetismo no Contexto Atual da América Latina", de Frei Bernardino Leers, OFM, em *Convergência* nº 179, Jan/Fev. 1985, pp. 37-49. (3) "Per una Spiritualità Apostolica", de Amedeo Cencini, FDCC, em *Testimoni* nº 7, Abril/1987, pp. 7-10. (4) *Unità di Formazione del Religioso*", de Enzo Bre-

na, em *Testimoni* nº 1, Jan/87, p. 11. (5) "Formazione alla Missione e alla Comunità", de Amedeo Cencini, em *Testimoni* nº 8, abril/86. (6) "Formação para a Missão", de Pe. José A. Netto de Oliveira SJ, em *Convergência* nº 216, Out/88, pp. 483-498. (7) "L'Apostolato come Formazione di Sè", de Amedeo Cencini, em *Testimoni* nº 15, Set/88, p. 10. (8) "Formazione alla Missione", de Enzo Brena, em *Testimoni* nº 14, Jul/88, p. 3. □

Pobreza material ou moral

Outra grande prova que afeta a vida dos povos e entrava o seu desenvolvimento é a pobreza, quer ela seja material ou moral. A terra nunca produziu tanto nem nunca teve tantos famintos. Os frutos do crescimento continuam a ser repartidos sem equidade. A isto junta-se a crescente diferença entre o Norte e o Sul. *João Paulo II, ao Corpo Diplomático, no dia 6 de janeiro de 1993.*

INCULTURAÇÃO NOS PRIMEIROS TEMPOS: UM RELATO DE ANCHIETA

Desde janeiro estivemos numa casa feita de barro e paus, de 14 passos por 10 de largura. É, ao mesmo tempo, escola, enfermaria, dormitório, cozinha, despensa... Mas não temos saudades das casas amplas de outras partes.

Pe. José de Anchieta, SJ

Os dois textos que ora publicamos são de duas cartas do Beato Anchieta, a primeira de 1º de setembro de 1554 e dirigida a Inácio de Loyola, e a segunda, de março de 1562, ao novo geral da Companhia de Jesus, Diogo Laínes. Temas que hoje nos parecem tão recentes (subsistência, trabalho, inserção, inculturação, etc.) surgem já então equacionados nas possibilidades destes religiosos corajosos guiados por sua experiência carismática. Anchieta escreve a partir de São Paulo de Piratininga.

“15. Desde janeiro até o presente, estivemos às vezes mais de vinte numa casa pobrezinha, feita de

barro e paus e coberta de palha, de 14 passos de comprimento e 10 de largura, que é ao mesmo tempo escola, enfermaria, dormitório, refeitório, cozinha e despensa; mas não temos saudades das casas amplas que os nossos habitam noutras partes. Com efeito, em mais estreito lugar foi posto Nosso Senhor Jesus Cristo, quando se dignou nascer num pobre presépio entre dois brutos animais e em estreitíssimo morrer por nós na cruz. Esta casa construíram-na os próprios índios para nosso uso, mas agora preparamos para fazer outra um pouco maior, de que nós seremos operários com o suor de nosso rosto e o auxílio dos índios...

18. O principal alimento desta terra é farinha de pau, que se faz de certas raízes que se plantam, e

In “Pergunte e Responderemos”
nº 355, 1991.

chamam mandioca, as quais — quando comidas cruas, assadas ou cozidas — matam. É necessário deitá-las na água até apodrecerem; apodrecidas, desfazem-se em farinha, que se come, depois de torrada em vasos de barro bastante grandes. Isto substitui entre nós o trigo. Outra parte do mantimento fornecem-na carnes do mato, como são macacos, gamos, certos animais semelhantes a lagartos, pássaros e outros animais selvagens, e ainda peixes de rio, mas estas coisas raras vezes. A parte principal da alimentação consiste portanto em legumes como favas, abóboras e outros, que se podem colher da terra, folhas de mostarda e outras ervas cozidas; em vez de vinho, bebemos água cozida com milho, ao qual se mistura mel, se o há. Assim sempre bebemos tisanas ou remédios e, se há isto, não nos parece ser pobres.

19. As coisas necessárias para a conservação de nossa vida, adquirimo-las com o trabalho de nossas mãos, como o Apóstolo S. Paulo, para não sermos pesados a nenhum destes. Devemo-las principalmente às mãos de um irmão nosso, ferreiro; ainda que nada peça, oferecem-lhe os índios, em paga das coisas que lhes faz, farinha e legumes e às vezes carne e peixe. A isto ajuntam-se também outras esmolas que eles, movidos pelo amor de Deus, nos dão, e assim muitas vezes o Senhor, a cujo cuidado nos entregamos, nos provê até donde menos esperávamos, a nós que nos encontramos faltos de todas as coisas”.

O mesmo Pe. José de Anchieta escrevia ao Pe. Geral Diogo Laínes (Roma), a partir de Piratininga em março de 1562:

“2. Nossa conversação com os próximos é a costumada. Ocupamo-nos na doutrina das coisas da fé e mandamentos de Deus, com as mulheres dos cristãos e seus escravos e escravas, nestes lugares em que estão dispersos. Sempre se colhe algum fruto, pela bondade do Senhor, assim em apartá-los de pecados, como em abrandar um pouco sua dureza no conhecimento de Deus Nosso Criador e Senhor, e ajudando-os a bem morrer, para o que comumente somos chamados, assim para os brancos como para seus escravos, a quem é necessário acudir a diversos lugares por mar e por terra, onde fazem suas habitações. Nisso às vezes o trabalho é grande, que se dobra com a pouca consolação que se recebe do pouco fruto, que dão campos lavrados com tantos suores. Mas nos basta salvar uma só alma, ou, para melhor dizer, ser cooperadores de Deus em sua salvação. E quando nem isto houvesse, seja o Senhor servido nos nossos fracos e pequenos trabalhos, recebidos por seu amor.

3. Em São Vicente se visitam os engenhos, com doutrina e confissões, e três povoações de portugueses, que estão cinco e seis léguas distantes entre si, fazendo demora em cada uma delas, segundo a necessidade o pede. Prega o Pe. Manuel da Nóbrega a miúdo, em todas elas, se bem que com muito trabalho de sua pessoa, por suas muitas

e contínuas enfermidades, que cada dia padece, se lhe vão acrescentando, ordenando-o a divina disposição para maior merecimento seu. Esta quaresma, esteve algum tempo em uma das povoações, que é a principal, chamada Santos, pregando três vezes na semana e confessando muitos dos escravos por intérprete. E perseverou neste ministério até que mais não pôde, pondo sua alma por seus irmãos, porque adoeceu tão gravemente, que foi necessário trazê-lo às costas a São Vicente, a nossa casa, por ele não poder vir por seus pés. A enfermidade é perigosa. Cumpra-se a von-

tade de Cristo Nosso Senhor nele e em todos os nossos. Alguns outros irmãos também são visitados pelo Senhor com enfermidades, como febres, prioris (1) e câmaras, mas o que as dá, as cura por sua misericórdia, que na terra poucas medicinas há para isso. Bendito seja Ele por tudo!”

(Textos extraídos das Obras Completas do Pe. José de Anchieta, vol. 6º, Ed. Loyola 1984, pp. 72s. 184s).

(1) *Priori* = *pleuriz* ou *pleurizia* (Nota da Redação).

“Ai dos que ao mal chamam bem”, Is 5, 20

A comunidade internacional deverá mostrar ainda mais a sua vontade política de não aceitar a agressão nem a conquista territorial mediante a força, nem a aberração da *purificação étnica*. É por isso que, fiel à minha missão, creio necessário voltar a dizer aqui, de maneira mais solene e mais firme, a todos os responsáveis das nações que representais, bem como a todos aqueles que, na Europa ou noutras partes, têm nas mãos uma arma para atacar os irmãos:

- a guerra de agressão é indigna do homem;
- a destruição moral e física do adversário ou do estrangeiro é um crime;
- a indiferença prática face a tais comportamentos é uma omissão culpável;
- quem se deixa entregar a estas opressões, quem as desculpa ou as justifica responderá por isto não só diante da comunidade internacional, mas ainda mais diante de Deus.

Ressoem aqui as palavras do profeta Isaías: “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal, que mudam as trevas em luz e a luz em trevas”, Is 5, 20. A paz não pode fundar-se senão sobre a verdade e a liberdade. Isto exige hoje muita lucidez e coragem. *João Paulo II, ao Corpo Diplomático, no dia 6 de janeiro de 1993.*

MISSIONÁRIOS E ÍNDIOS: 90 ANOS DE CONVIVÊNCIA

Nestes 90 anos de presença, vários resultados da prática missionária salesiana aparecem: a não extinção do grupo bororo, a mudança de atitude pastoral, a gradativa recuperação da autonomia do índio...

Equipe Missionária Salesiana
Meruri, MT

Onde estamos?

O povo Bororo, que se auto-denomina BOE (*pessoas, gente*), situado no Centro Oeste brasileiro, antes da chegada dos bandeirantes paulistas na região, no começo do século XVIII, dominava uma grande área de terra que se estendia, de leste a oeste, desde o sul de Goiás e leste de Minas Gerais, até as fronteiras com a Bolívia e, de norte a sul, desde as cabeceiras dos rios Paraguai, Cuiabá e Manso (*ou das Mortes*) até a bacia do rio Taquari e dos afluentes da margem direita do alto do rio Paraná, numa extensão que superava os 400.000 km². A população bororo daquele tempo calculava-se em torno de 10.000 indivíduos.

A partir desta época foram perdendo seus domínios, e sua população foi sendo dizimada em violentos encontros contra invasores de seus territórios. Hoje, 1993, depois de sucessivas diminuições oficiais das áreas demarcadas, restam para usufruto dos bororo, quatro pequenas reservas, cuja extensão total soma pouco mais de 120.000 ha., algumas das quais continuam sendo invadidas e depredadas, como a de Tereza Cristina, onde, por outro lado, se encontra a comunidade bororo culturalmente mais valiosa. Os bororo atualmente são perto de 800, metade com a Funai e metade com a Missão Salesiana, num vaivém migratório que faz aumentar o número, às vezes de uma parte, às vezes de outra. Nestes

anos, por exemplo, a balança se inclina para as áreas de Rondonópolis onde os recursos são mais abundantes.

A cultura bororo, formada através de milênios, num cenário tão maravilhoso e misterioso (*como o pantanal matogrossense e as selvas, cerrados, chapadões e abundantes serras e morros que caracterizam a região divisória de águas entre as bacias do Araguaia, Paraná e Paraguai*), reflete a beleza e o mistério desse mundo habitado por um povo que vivia em harmonia com a natureza e, às vezes, também em luta com forças adversas, como a onça e outros.

Socialmente o povo bororo dividia-se em duas metades e cada metade em quatro clãs: todos os seres existentes estavam distribuídos entre os oito clãs, de maneira que nenhum dos seres conhecidos estava fora do domínio dos bororo. As aldeias refletiam esta organização geral da nação bororo, sendo elas construídas em forma circular, dividida em duas metades e cada metade em 4 clãs, tendo no centro da praça a Casa das Celebrações, chamada também de Casa dos Homens, o Baito ou Baimanagejewu.

O sistema bororo é matrilinear e uxorilocal, sendo que é a mãe que transmite aos filhos e filhas o nome e todas as propriedades culturais, tendo o homem que se transladar quando casa, para o lugar onde mora a família de sua mulher. A língua, os cantos, os rituais, as histórias, as pinturas e os ornamentos,

reproduzem todos os detalhes deste variadíssimo mundo, ninho ecológico de um povo que parece ter nascido culturalmente ali mesmo, se bem que fisicamente, pelo seu mito de origem, se reconheça procedente de outras praias. Os bororo acreditam na existência de um mundo espiritual, muitas vezes simbolizado pelo mundo físico, onde se encontram as almas dos antepassados. Mundo que não está longe deles, pois as almas dos antepassados os acompanham continuamente em suas pescarias e nas suas caçadas e também nas freqüentes e prolongadas celebrações na aldeia. Pode-se dizer que o bororo é um povo que vive em contínua celebração. Porém a celebração mais característica é o funeral, onde a comunidade durante dois ou três meses, a partir da morte do indivíduo, concentra-se toda e, às vezes, convidando parentes de outras aldeias para acompanhar o finado na sua entrada definitiva nas vidas dos "Aroe" (*seres do mundo espiritual*).

O funeral bororo é ao mesmo tempo momento forte de aprendizado para jovens, os quais geralmente são iniciados na vida dos adultos durante o funeral. Tem também outras celebrações festivas, tais como a imposição do nome às crianças, a festa do milho novo, a preparação de caçadas e pescarias.

2. Quem somos e o que fazemos?

Institucionalmente a nossa equipe missionária forma parte da Família Salesiana e está integrada

por quatro salesianos, um padre secular, seis religiosas Filhas de Maria Auxiliadora e uma Cooperadora Salesiana. Integramos o regional do CIMI de MT e residimos dentro da Área indígena bororo de Meruri, junto à comunidade indígena de Meruri, no município de General Carneiro, Diocese de Barra do Garças-MT. A presença salesiana junto a este grupo bororo remonta-se ao 18 de janeiro de 1902, quando, depois de uma viagem de um mês a cavalo procedentes de Cuiabá, um grupo de cinco salesianos (*P. Bálzola, P. Salveto e Irmãos Milanese, Minguzzi e Grosso*) e três Filhas de Maria Auxiliadora, encabeçados, respectivamente, pelo P. Bálzola e pela Ir. Rosa Kistér, acompanhados por cinco empregados e duas moças auxiliares das irmãs.

Eles fundaram a Colônia Sagrado Coração, na beira do córrego Tori Po (*Tachos*), perto da margem direita do rio Barreiro (*Kujibo*), afluente do Rio das Garças (*Jakreuge Eiao*), a 420 km ao leste de Cuiabá, na beira do caminho do correio que comunicava a capital de Mato Grosso com a sede de Goiás e Rio de Janeiro. Por ali passava também a linha de telégrafo recentemente construída pelo General Gomes Carneiro e o então Tenente Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon.

Era um lugar que se sabia freqüentado pelos bororo, por se encontrar ali um lambedouro de arara e de outros bichos. A finalidade desta missão era contactar os pe-

quenos restos de bororo do Vale do Araguaia (*Orowaribo Kurireu*), que estavam sendo exterminados em suas sangrentas lutas com os brancos que chegavam na região, salvá-los do extermínio, catequizá-los e prepará-los para um convívio pacífico com a sociedade branca.

Depois de alguns contatos esporádicos, nos quais os missionários foram poupados da morte, e segundo o que os bororo contaram mais tarde, eles os pouparam por influência de um sonho que tivera o chefe Ukewaguo, no qual lhe era apresentada uma simpática Senhora, pedindo-lhe para não matar esses homens e mulheres vestidos de branco, pois eles chegavam como amigos para lhes trazerem paz.

Finalmente, em 16 de junho de 1903, o grupo de bororo que ainda sobrevivia na região, composto de 142 pessoas, veio se estabelecer junto aos missionários que tinham construído para eles casas e algumas roças. Em 1906 foi fundada uma segunda residência missionária, a 40 km ao sudoeste da primeira, na margem direita do rio Garças, para atender um grupo de bororo procedente das margens do rio Araguaia, restos dos bororo que dominavam o sul de Goiás. Esta nova residência recebeu o nome de Colônia Imaculada.

Esta Colônia foi extinta 15 anos mais tarde, tendo os bororo que ali moravam se juntado aos da Colônia Sagrado Coração, nos Tachos. Pelo ano 30, devido à escassez de água e de terras lavoráveis, a Co-

lônia Sagrado Coração transladou-se 8 km mais para cima, também nas margens do rio Barreiro, frente ao belo morro chamado Meruri, que deu seu nome à aldeia e à Missão, e onde atualmente se encontra. Desde os primeiros anos de convívio entre os missionários e índios não se registrou mais nenhum encontro sangrento entre índios e brancos. Levas e levadas de salesianos e irmãs se sucederam num esforço sincero, não só para catequisar os índios, mas também para atendê-los na economia, saúde e educação, e prepará-los, de acordo com a mentalidade da época, para um convívio digno dentro da sociedade branca.

Freqüentes documentários nos mostram os salesianos compartilhando com os índios os trabalhos da roça, do campo e das oficinas, e as irmãs com as índias nos trabalhos domésticos, ensinando técnicas de costura e culinária, tecidos, etc. Uma preocupação muito grande foi também a de alfabetizar e ensinar os índios na língua nacional. Para isso funcionou a escola desde o começo e com sistema de internato para as meninas. Mais tarde, pelos anos 40, nas escolas da Missão foram sendo recebidos também os filhos dos moradores brancos da região, pois a Missão atendia também os núcleos de moradores não índios que foram surgindo nos vales do Araguaia, Garças e Rio das Mortes. A partir dos documentos do Vaticano II e com os avanços da sociologia e da antropologia, os missionários começaram a sentir-se questionados so-

bre sua maneira tradicional de atender os índios.

Percebeu-se que os esforços para prepará-los para o convívio com a sociedade branca, se bem não tivesse sido, de tudo, perdido, não tinha dado os resultados desejados, enquanto os valores tradicionais dos índios, tais como sua organização, sua língua, seus ritos e tradições, tinham ficado bastante descuidados e abafados no esforço por assimilar os conhecimentos e sistemas de vida da outra sociedade. Começou-se então um processo lento de abertura aos antigos valores tribais: gradativamente foi se fechando o internato de meninas e meninos para que eles pudessem ser mais influenciados em sua formação pelas próprias famílias e pela própria comunidade indígena; igualmente foi se limitando a presença de elementos não índios nas escolas e nas vizinhanças da aldeia. Para o início deste processo de retomada de valores, ajudou muito a chegada a Meruri, em 1967, de um grupo de uns 20 bororo que tinham perdido suas terras na região de Jarudori e Pobojarí e que vinham a Meruri principalmente para tratamento de saúde.

Ficaram na Missão e foram aumentando em número, formando mais tarde sua própria aldeia e, a partir da demarcação da área, em 1976, transladaram para a beira do rio Garças, dentro da mesma área, onde continuam praticando muito bem as suas tradições. Muitos deles já voltaram para a área de Tadarimana, reforçando notadamente

a presença bororo nessa área. Pelos anos 70, a Igreja Missionária do Brasil sentiu a necessidade de se rearticular e atualizar o seu trabalho junto aos povos indígenas. Membros da nossa equipe missionária participaram dos primeiros encontros de pastoral missionária que precederam a formação do atual CIMI, Conselho Indigenista Missionário; colaboraram na formação do mesmo e têm participado na sua coordenação. Meruri foi sede da primeira Assembléia Regional do CIMI, em fins de agosto de 1974, e da segunda Assembléia Regional de Lideranças Indígenas, em setembro de 1975. Nos primeiros anos do CIMI, alguns indígenas bororo também fizeram parte de sua coordenação.

Todos os anos nossa equipe participa da Assembléia Regional do CIMI-MT. As linhas de ação traçadas na primeira Assembléia Nacional do CIMI, realizada em Goiânia de 24 a 27 de julho de 1975, vieram reforçar a nova posição em que já se encontravam as nossas equipes missionárias de Meruri, São Marcos e Sangradouro no seu trabalho junto aos bororo e xavante, principalmente no referente ao compromisso de *"apoiar decidida e eficazmente, em todos os níveis, o direito que têm os povos indígenas de recuperar e garantir o domínio de suas terras"*. Este compromisso do CIMI foi selado em Meruri, com o sacrifício da vida de uns de seus membros mais valiosos, o P. Rodolfo, SDB, diretor de Meruri, trucidado junto com o índio boro-

ro Simão Koge Ekudugodu, na luta pela demarcação da área de Meruri. Graças a este compromisso sério de apoio aos índios por parte de todos os missionários da nossa área, os índios bororo e xavante desta região lograram ter as suas terras demarcadas dentro do prazo estabelecido pelo Estatuto do Índio, lei 6.001 de 19-12-73. Na linha da autodeterminação, na parte econômica em que a comunidade indígena dependia completamente da administração da missão, a partir da demarcação da área, foi passada aos índios a plena autonomia na administração da terra, do gado, das roças e dos meios de trabalho. No campo da saúde, a Missão continua dando o atendimento, respeitando e incentivando a prática da medicina tradicional por parte dos índios, talvez seja o campo em que os índios mais dependem ainda da Missão. Quanto à educação, há um processo lento de inculturação da escola, introduzindo nela o estudo da língua indígena e abrindo cada vez mais espaço ao professorado indígena. Na religião e outros aspectos da cultura indígena, a equipe tem procurado respeitar a situação histórica do grupo e a sua caminhada de quase um século de evangelização e assimilação de elementos da cultura ocidental, evitando quebras violentas que possam trazer novos traumas ao grupo, como tem acontecido em outras regiões.

O trabalho neste sentido começou com a reestima, tanto por parte dos missionários, como dos pró-

prios índios, dos valores da cultura tradicional bororo, depois foram se dando passos lentos na reconquista progressiva de alguns desses valores tais como a língua, a organização social, o artesanato e alguns dos rituais mais importantes. Já neste ano, 1992, surgiu em Meruri uma equipe de bororo que coordena as atividades religiosas e culturais da comunidade. Resumindo, a presença da nossa equipe missionária junto aos bororo de Meruri continua sendo constante, influenciando ainda no campo da saúde, da pastoral, da educação e um pouco na economia, presença condicionada à vontade dos índios e procurando influir cada vez menos, na medida em que os mesmos índios vão retomando a autonomia nos diferentes campos. Uma das coisas que mais dificultam esta autonomia é a influência cada vez mais forte do mundo branco que os enche de ilusões, os explora e os marginaliza. Membros da equipe também visitam periodicamente as aldeias bororo da área de Tadari mana, com finalidade exclusivamente pastoral na linha de inculturação e diálogo religioso. As duas aldeias da Reserva Teresa Cristina: Korogedu Paru e Piebaga, estão sendo atendidas pelas irmãs Franciscanas Missionárias de Rondonópolis, junto com o Vigário de Fátima de São Lourenço, P. Antônio Líbero, que atende também pastoralmente a aldeia de Perigara. A aldeia de Pobore, perto de Rondonópolis, está sendo visitada pela Ir. Luiza Pessoa, FMA. D. Osório Steffel, Bispo de Rondonópolis, em

cuja jurisdição se encontram todos os bororos de São Lourenço e Rio Vermelho, está dando pleno apoio à pastoral entre estes grupos. O Me. Mário Bordignon, SDB, em sua qualidade de Coordenador do CIMI Regional de MT, está dando um forte apoio à luta das comunidades bororo de Korogedu Paru e Piebaga pela recuperação da sua área Teresa Cristina, que até recentemente tem sofrido progressivas invasões e depredações por parte de fazendeiros e políticos da região.

3. Descrição e análise da prática em relação à dimensão de inculturação e diálogo religioso

a) O que está sendo feito em relação à inculturação e ao diálogo religioso:

1. Reestima dos valores religiosos e culturais do grupo tanto por parte dos missionários, como dos mesmos índios.

2. Participação em rituais tradicionais nas aldeias que ainda os praticam.

3. Documentação e estudo de rituais e histórias religiosas do grupo.

4. Abertura à expressão da fé cristã com elementos da cultura indígena, tais como a língua, cantos, símbolos, etc.

5. Análise junto com o grupo, da relação entre fé cristã e religião indígena, buscando uma unidade de complementariedade que evite o dualismo no interior da alma do índio.

6. Programação de cursos periódicos de Pastoral Bororo e de um grupo de Pastoral Bororo integrado por jovens e anciãos para que este diálogo interreligioso se concretize entre eles mesmos.

b) Momentos fortes e fatos marcantes fatores de mudança:

1. O Concílio Vaticano II.

2. O encontro de missionários em São Paulo, 1970.

3. O início de encontros de reflexão sobre a nossa atuação missionária, realizados cada trimestre pelas equipes missionárias de Meruri, São Marcos e Sangradouro, a partir de 1971.

4. A organização do CIMI a partir de 1972.

5. A primeira Assembléia Regional do CIMI em Meruri, 1974.

6. A Primeira Assembléia Geral do CIMI em Goiânia, 1975.

7. O exemplo e martírio dos P. Rodolfo Lunkenbein SDB e João Bosco Burnier, missionários do nosso regional, tombados em 1976.

8. O surgimento de equipes de reflexão e ação pastoral entre os mesmos Bororo, 1992.

c) Relação do diálogo religioso com as outras áreas de atuação:

O domínio da terra, a auto-determinação, o ressurgimento da cultura e da língua, são elementos indispensáveis para uma autêntica inculturação da fé e diálogo religioso e, na medida em que aquelas

áreas têm sido atendidas, esta última tem encontrado melhores possibilidades.

d) Dificuldades neste processo:

1. A influência cultural, política e econômica da sociedade branca com a qual a comunidade indígena está em contínuo contato pela passagem da estrada federal pelo território indígena, a proximidade de cidades, e os meios de comunicação social, principalmente rádio e televisão, que em nada favorecem a estima e prática da própria cultura.

2. O longo processo de desculturação vivido pelo grupo durante muitos anos.

3. A falta de idéias claras sobre a maneira de atuar frente à opção do grupo que nem sempre favorece a própria cultura.

4. A situação econômica do grupo, reflexo da conjuntura nacional e consequência de se encontrarem numa área limitada e pobre, sem os recursos que antigamente tinham e que favoreciam uma prática cultural mais vivencial.

e) Influências negativas e positivas da equipe missionária na autonomia do grupo no campo religioso:

1. O trabalho prolongado durante muitas décadas para salvar o grupo da extinção e prepará-lo para adquirir a cultura branca, influenciou também na dependência religiosa, já que esta não está separada do campo social e econômico.

2. O processo de mudanças a partir do Vaticano II e depois na atuação dentro das linhas do CIMI tem sido positivo mas lento respeitando a caminhada do próprio povo, na situação histórica em que se encontra, situação que, como já se notou, sofre influências cada vez mais fortes e não sempre positivas do mundo não-índio.

3. A influência do povo na vida dos missionários e missionárias que compõem o grupo tem sido diversa, de acordo com a atitude de cada indivíduo frente aos princípios da Pastoral Indigenista.

f) Resultados concretos (*positivos e negativos*) da nossa prática missionária:

1. Negativos: criou-se por muito tempo a dependência e notável perda de elementos da cultura tradicional.

2. O grupo foi salvo da extinção. Enquanto muitos outros grupos boro, principalmente as aldeias do Rio Vermelho, que pareciam estar em menos perigo, perderam suas

terras e se extinguíram, por falta de preparo para entender e enfrentar a sociedade branca e de acompanhamento no seu relacionamento com a mesma.

3. Positivos: Nesses 90 anos em Meruri, vários outros resultados positivos apareceram, tais como a mudança de atitude pastoral dos missionários e gradativa recuperação da autonomia por parte dos índios em todos os campos, principalmente no econômico, educacional e religioso.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. *Procure comparar o que é feito no processo de inculturação entre os indígenas e a atenção que você e sua comunidade dão à diversidade cultural do lugar onde estão situadas?*

2. *Que dificuldades concretas, a partir da realidade local e a partir da congregação, perturbam o processo de inculturação do seu grupo religioso?*

Angústia insuportável

A ajuda humanitária levada à Somália pela comunidade internacional pôs diante dos olhos do mundo a angústia insuportável de um país mergulhado na anarquia, a ponto de comprometer a sobrevivência de seus habitantes. É forçoso observar que as reivindicações dos clãs ou das pessoas não levarão à pacificação. Fazemos, pois, votos por que a solidariedade internacional se intensifique: é todo o equilíbrio do continente africano que será consolidado. *João Paulo II, ao Corpo Diplomático, no dia 6 de janeiro de 1993.*

AS UTOPIAS DE LUCAS: COMUNIDADE E EVANGELIZAÇÃO

*Em momento de crise é importante lembrar
que a opção pelos pobres é sinal
da presença do Espírito. O descaso denuncia
ausência de Cristo e de seu
Evangelho. Mas o sonho do Espírito continua.*

Pe. Nicolau Masi, SX

Belém, PA

Introdução

1. Por que este silêncio?

Durante toda a Conferência de Santo Domingo fui procurando em vão notícias na TV e nos jornais. Santo Domingo não era notícia, não fazia sensação. A sociedade continuou a ignorar os cerca de 300 bispos reunidos com o Papa. Desinteresse? Perda de valores? Igreja "muda", que não tem nada de urgente a dizer ao mundo? Igreja "calculadora" e "diplomática", à busca de reforçar os centros de poder e de marginalizar os não adidos ao trabalho, enfim o povão? Ou sinal de uma Igreja achada inútil, que não tem mais nada a dizer a um povo desesperado?

Li e ouvi vários depoimentos preocupantes a respeito. Mas uma

carta de 21.10.92 chegada de Santo Domingo me preocupou: "A IV Assembléia do CELAM está decepcionando muitos dos participantes e mais ainda o pessoal da imprensa, que não consegue informes e documentação. Além do aparato de segurança (parece mais um quartel do que uma sede de Conferência Episcopal) está cada vez mais difícil encontrar os bispos que se conhecem."

2. A Igreja tem realmente algo a dizer?

Parece que a um povo de desanimados, só a palavra "pão" suscita imediatamente reações vitais. Só o econômico seria importante por um povo esmagado, reduzido à mendicância como o da América Latina. Mas isso é reducionismo e achatamento. Quanto mais desesperado

um povo, tanto mais ele precisa de pontos de apoio profundamente éticos, culturais, religiosos. Expulsar Deus da vida não é solução. Aliás só ele, em casos desesperados, pode-se tornar o defensor dos pobres, só ele pode jogar na escuridão de nossa existência luzes de esperança.

3. *Precisa recomeçar a sonhar.*

Precisa saber afundar os olhos no futuro, recomeçar a sonhar, assim como sonhou Lucas, como sonhou a primitiva comunidade cristã quando parecia tudo perdido: Cristo parecia ter fracassado, levando consigo as suas utopias na cruz; a primitiva comunidade dos discípulos parecia incapaz de voar; Estêvão, Tiago, Pedro, Paulo, viviam perseguidos e acabaram eliminados cruelmente. O que esperar mais? Mas é bem dentro deste momento trágico, sem saída, que Lucas sonha e nos convida a sonhar por nossa vez, apesar das dificuldades políticas, econômicas, ecológicas, culturais, religiosas. Neste ensaio iremos portanto à procura de elementos capazes de nos ajudar a viver num mundo sem ar. No final do túnel se antevê a luz, resplandece a esperança.

4. *O Sonho de Lucas: Saudade ou esperança?*

Carlos Mesters se pergunta a respeito do Paraíso terrestre se trata-se de um fato histórico já acontecido ou se é algo a vir, antecipado no desejo e na esperança. A mesma pergunta podemos fazer a respeito

de Comunidade e evangelização em Lucas: realidade ou utopia? Aconteceu ou deveria acontecer?

5. *O futuro está já realizado*

Todo profeta vive no já. O futuro é visto como já realizado. E o olho específico para fazer isso é a *esperança*. A esperança antecipa o porvir, lhe dá consistência: "dispersou os soberbos, precipitou os poderosos de seus tronos, despediu os ricos de mãos vazias; (pelo contrário) exaltou os humildes, saciou os famintos e os cobriu de bens" (Lc 1,51-53). Mas, onde já se viu tudo isso? Será que Maria estava sonhando? Ou o seu olho era tão penetrante, a sua confiança no Deus dos pequeninos tão firme, que, para Ela, o aparentemente impossível se tornara já presente e vivo?

6. *Lucas também sonhou o futuro*

Os olhos de Lucas também se carregaram de esperança: viram o desfecho final da Comunidade peregrina e viram o caminho ideal para atingir esta meta. Nos *Atos dos Apóstolos* (2,42-47; 4,32-37; 5,12-16), Lucas sonha de olhos abertos e vislumbra uma Comunidade "humanamente impossível", uma comunidade utópica, "cheia de graça", como a própria Maria (Lc 1,24), objeto de amor infinito do Pai. No *Evangelho* Lucas indica o *caminho*, as boas notícias anunciadas e realizadas por meio de Cristo (Lc 4,18-20; 7,21-22) e dos Apóstolos (Lc 9,1-6; 10,1-24). Cristo

prevê e realiza o anúncio de notícias alegres para os pobres, a volta da visão aos cegos, da liberdade aos presos, do consolo aos oprimidos e, por todos os homens, a realização de uma época de "graça".

7. Quem sustenta esta certeza?

Lucas não é um exaltado, um ingênuo, e sim um realista. Ele não se apóia em fantasia, sonho, sentimentalismo. Ele se escora sobre uma pessoa viva, sobre alguém que ele conhece como Ruah, Espírito criador e vivificador, respiro e coração do Pai e do Filho. Cristo nasce dele e também a Igreja, corpo continuado e misterioso de Cristo, nasce e vive do mesmo Espírito. Evangelho e Atos, vida do Cristo físico e vida do Cristo místico, são como que a sinfonia do Espírito, que orchestra a história da humanidade refeita, do "homem novo", dos céus e da terra nova: "Manda o teu santo Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra!" (Sl 103,30).

Nesta breve panorâmica tentaremos analisar quatro momentos:

I. O primeiro sonho de Lucas: a Comunidade;

II. O segundo sonho de Lucas: a Evangelização;

III. O que torna possível este sonho: a presença e a ação do Espírito Santo;

IV. Enfim partiremos por uma pergunta: Os sonhos de Lucas passaram por Santo Domingo?

I. O PRIMEIRO SONHO DE LUCAS: A COMUNIDADE

Lucas sonhou um único sonho em três momentos. Mesmo sonho, mesma utopia, com riqueza de pormenores diferentes.

I.1. *No primeiro sonho* (At 2, 42-47) Lucas descreve mais a identidade da comunidade e seu fundamento: o ensinamento comum dos Apóstolos, comunhão fraterna, fração do pão e oração em comum. Efeito: admiração dos presentes, união e partilha de tudo (fé, ação, bens) dos discípulos, alegria e louvor a Deus, simpatia do povo e crescimento quase espontâneo da comunidade.

I.2. *No segundo momento do sonho* (At 4,32-37) Lucas vê o que produz uma comunidade cheia de fé e que tem um só coração e uma só alma: ninguém considera como propriedade sua qualquer um dos seus bens; pelo contrário põe tudo em comum; ninguém é indigente, pois se recebe da comunidade não segundo herança, esperteza, ganância, mas segundo a necessidade de cada um. E tudo isso, acrescenta Lucas, se tornava como um grande sinal de fé na ressurreição do Senhor Jesus. Comunidade ideal, realmente maravilhosa, pois "uma grande graça operava em todos eles" (At 4,33), além de receber a amizade e a simpatia do povo (At 2,47).

I.3. *No terceiro momento do sonho* (At 5,12-16) Lucas nos apresenta quase um quadro idílico: os

Apóstolos realizam *muitos* sinais e prodígios. Os fiéis permanecem *todos* unidos. Os outros ficam cheios de admiração e de respeito. O povo os elogia. *Multidões* cada vez mais *numerosas* de homens e mulheres aderem ao Senhor, pela fé; expõem os doentes nas ruas, colocando-os em camas ou padio-las, a fim de que Pedro, ao passar, toque num ou noutro com a sua sombra. A multidão acorre... trazendo doentes e pessoas atormentadas por espíritos impuros, e *todos* ficam curados.

É a idade de ouro, é o advento do reinado de Deus, descrito por Isaías como o dia da alegria, da cura, da fartura (Is 65,17-18; 65, 19-25; 61,1-2).

Mas esta é a Igreja existente ou a Igreja sonhada? É acontecimento ou utopia? Realidade ou profecia? Com certeza Lucas deve ter visto "sinais", brotinhos de uma realidade ainda desconhecida. Baseado neles, Lucas, se deixando guiar pela fé na força do Espírito, deve ter descortinado o futuro e mirado à Jerusalém celeste, santa e definitiva, à comunidade do amor e da vida plena, à comunhão total do bem. Lá a felicidade suprema é partilhar, viver a amizade, louvar a Deus, superar todo limite de doença e de mal.

II. O SEGUNDO SONHO DE LUCAS: A EVANGELIZAÇÃO

O segundo sonho de Lucas é a respeito da Evangelização (Lc 9,1-

9; 10,1-24), ou seja a respeito do anúncio alegre, das boas notícias àqueles que, na vida, estão acostumados a receber sempre más notícias. Pobres, últimos, marginalizados sabem que está para chegar — melhor, já chegou! — a sua vez. Doença, fome, pobreza, marginalização, abandono não têm duração eterna, mas são destinados a desaparecer, pois o próprio Cristo vem, Ele em pessoa ou através dos seus apóstolos e profetas.

Lucas parece sonhar, como o próprio Jesus (Lc 10,21), que exultou no Espírito Santo, pois a missão, mais do que um fato futuro, parece um acontecimento já realizado. Os discípulos vão em toda cidade e localidade (em toda parte). Eles não se apóiam em força própria: são como cordeiros no meio de lobos. Não se apóiam nas coisas: bastão, bolsa, alforje, sandálias, pão, dinheiro. Não têm casa própria. E, mesmo assim, se enchem de alegria e, cheios de felicidade, contam a Jesus tudo o que tinham feito. Como Ele tinham falado do Reino de Deus e curado os enfermos: "Chegou a vós o Reino de Deus!" Os próprios demônios são reduzidos à submissão: "Eu vi Satanás cair do céu... Eu vos dei o poder de calcar aos pés serpentes e escorpiões, e toda a potência do inimigo, e nada vos poderá prejudicar. No entanto não vos alegréis porque os espíritos vos são submissos, mas alegrai-vos porque os vossos nomes estão inscritos nos céus" (Lc 10,18-20). Trata-se não de um futuro, mas de um fato já

consumado. "Levantai a cabeça, o Reino está se aproximando" (Lc 21,28).

Querendo sintetizar esta mensagem de Lucas poderíamos dizer que o Apóstolo segundo Lc 9,1-9; 10,1-24 é:

Homem de comunidade: "enviou dois a dois" (Lc 10,1). O individualismo mata a Evangelização, que é anúncio para Comunhão.

Homem em caminho, não sentado, não acomodado, destinado a percorrer o mundo inteiro (Lc 9,6; 10,1).

Homem angustiado, pois sente a sua pequenez frente à grandeza da missão ("Vos mando como ovelhas no meio de lobos" (Lc 10,3) e se dá conta do número reduzido dos companheiros ("A messe é muita, os operários poucos", Lc 10,2).

É homem sem casa, à semelhança de Jesus: "As raposas têm tocas e os pássaros do céu, ninhos; o Filho do homem porém não tem onde repousar a cabeça" (Lc 9,58; 10,7). Sendo assim, só pode comer em casa alheia, não deve porém passar de casa em casa para encontrar pousada mais acomodante.

É homem que tem pressa. "Não saudeis ninguém pelo caminho" (Lc 10,4), pois a evangelização é coisa urgente.

É homem que não se apóia em nada, não cobiça nada: bastão, alforje, pão, dinheiro, sandálias, túnica (Lc 10,4).

Não se apodera de nada, devolve até a poeira dos pés (Lc 10,11).

Sua única preocupação é o Reino (Lc 9,2; 10,9). "O Reino já chegou" (Lc 11,11).

Sente-se destinado aos pequenos, como Cristo, que exultou sob a ação do Espírito Santo (Lc 10,21) e revelou toda a benevolência do Pai por eles, preferindo-os a sábios e inteligentes.

Enfim o evangelizador é o homem do "já". Ele trabalha na certeza de que Cristo é um que já venceu, já viu Satanás cair como raio (Lc 10,18). "Os vossos nomes estão (já) inscritos nos céus" (Lc 10,20). "Felizes os olhos que vêem o que vós vedes e não viram, ouvir o que vós ouvis e não ouviram" (Lc 10,24).

RESUMINDO: Lucas sonha grandes coisas. A realidade dura e cotidiana é como que transformada continuamente. O céu irrompe na terra, a utopia penetra na realidade. Sonho? Fantasia? Ou certeza absoluta pelo fato que toda essa construção se apóia sobre o alicerce mais firme, inabalável que é o Espírito Santo? O pequeno ensaio acima nos diz que toda a vida de Cristo, dos Apóstolos, da primitiva comunidade cristã é perpassada pelo Espírito Santo. É Ele o grande protagonista do mundo novo, o amor criador, o respiro do universo.

Não de maneira alienante e milagrosa, porém: Ele não é a vara mágica de todas as soluções. Mas

Ele é o Amor que empurra Cristo a se doar por amor, Estêvão a perdoar por amor, Barnabé e outros cristãos a dar o seu campo por amor, Paulo e tantos outros a enfrentar lutas, perseguições, martírio por amor.

III. O QUE TORNA POSSÍVEL ESTE SONHO: A PRESENÇA E A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Nos dois livros de Lucas, o Evangelho de Cristo e o Evangelho da Igreja (Evangelho e Atos), o grande protagonista da vida dos dois é o Espírito Santo. Ele é o pano de fundo, a seiva secreta, o próprio coração de Cristo e da Igreja. Sem Ele não se entende nem um nem outra. Com Ele tudo toma sentido. Teremos pois de apresentar brevemente as principais passagens que falam do Espírito e da sua ação no Evangelho e nos Atos.

III.1. *O Espírito Santo no Evangelho de Lucas: o Evangelho do Espírito Santo*

É de fato no Espírito Santo que Maria conceberá e dará à luz Jesus (Lc 1,35); João Batista ficará “pleno de Espírito Santo” (Lc 1,15); Isabel, “Repleta de Espírito Santo” (Lc 1,41) grita a sua alegria no encontro com Maria; Zacarias também “repleto de Espírito Santo” (Lc 1,67) explode no seu louvor a Deus e profetiza o tempo da misericórdia e da libertação. No templo um velho, Simeão, (“o Espírito Santo estava nele”, Lc 2,25), “mo-

vido pelo Espírito” (Lc 2,27) tomou nos braços o menino Jesus e gritou feliz o expletamento de sua missão, pois tinha chegado a luz e a salvação de todos os povos. João sabe batizar na água, mas anuncia a vinda daquele que vai batizar “com o Espírito Santo e com o fogo” (Lc 3,17). Este profeta é Jesus sobre o qual, em ocasião do batismo, “desceu o Espírito Santo em forma corporal como pomba” (Lc 3,22). Este mesmo Jesus, “pleno de Espírito Santo” (Lc 4,1), inicia a sua vida pública no deserto, na oração, no jejum, sendo tentado pelo outro espírito, o espírito do mal. “Impulsionado pelo Espírito” (Lc 4,14), volta para a Galiléia e ensina em todo canto. Na sinagoga de Nazaré se sente investido pelo Espírito Santo (“O Espírito do Senhor está sobre mim” Lc 4,18) e anuncia o seu programa de escolha dos pobres e de libertação dos marginalizados. Impulsionado pelo Espírito Santo (Lc 10,21), exulta por ter o Pai preferido pequenos e crianças a sábios e graúdos e promete que o Espírito Santo sugerirá aos perseguidos o que eles deverão dizer na hora da opressão (Lc 14,26). O mesmo “Paráclito, o Espírito da verdade, vos ensinará toda a verdade” (Lc 12,12). “Ora, se vós, que sois maus, proclamava Jesus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem!” (Lc 11,12). Por isso se colocar contra o Espírito (Lc 12,10) é provocar a própria perdição. Enfim Cristo é fruto do Espírito Santo. No Espírito ele inicia, desen-

volve e expleta a sua missão: "Pai em tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23,46). Este é O HO-MEM. Ele nasceu do Espírito, viveu no Espírito, morreu no Espírito, ressuscitou pelo Espírito e continua a viver no Espírito.

III.2. *A Igreja: comunidade do Espírito Santo*

A Igreja, corpo continuado de Cristo, como ele, nasce e vive do Espírito. "Recebereis uma força do alto", "O Espírito Santo descera sobre vós" (At 1,8). Os Apóstolos (os onze mais Matias escolhido por impulso do Espírito Santo no lugar de Judas), "todos unânimes, eram assíduos à oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele" (At 1, 14). "Quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar" (At 2,1). É a aparição e o triunfo, a grande "gestação" do Espírito. "Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os impelia falassem" (At 2,4). Há quem pense em gente embriagada. Mas Pedro lembra a promessa do Senhor: "Derramarei o meu Espírito sobre toda carne... em verdade, sobre meus servos e sobre minhas servas derramarei o meu Espírito" (At 2, 17s). "E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (At 2,21). Este Jesus, morto por nós, o Pai o ressuscitou e o encheu de "Espírito Santo, objeto da promessa" (At 2,33). Este mesmo Espírito Cristo "o derramou" (At 2,33)

como penhor de nossa ressurreição e salvação. Aí nascem as primeiras comunidades (At 2,42-47; 4,32-37), primavera e esperança do mundo novo. Pedro e João são presos. Eles devem dar conta de sua teimosia em querer continuar a anunciar o Cristo, apesar da proibição das autoridades. Pedro, "repleto do Espírito Santo" (At 4,8), sem medo, proclama que "É ele (o Cristo) a pedra que vós, os construtores, rejeitastes, e que se tornou a pedra angular" (At 4,11). "Julgai se é justo aos olhos de Deus obedecer mais a vós do que a Deus" (At 4, 19). Uma vez libertados, todo mundo exulta e agradece a Deus: "Tu falaste pelo Espírito Santo!" (At 4,25). A Comunidade é em festa. Todos vivem na amizade e na partilha. O próprio Barnabé coloca à disposição um seu campo. Anania e Safira simulam a mesma coisa. Mas como punição chega a morte. "Por que Satanás encheu o teu coração, para mentires ao Espírito Santo?" (At 5,3). "Por que combinastes entre vós tentar o Espírito do Senhor?" (At 5,9). Lançados no cárcere e libertados milagrosamente, os Apóstolos são convocados pelo Sinédrio e reprimidos severamente, pois continuam a pregar "com destemor"... "tudo o que se refere ao Caminho" (At 5,20). "É preciso obedecer antes a Deus que aos homens" (At 5,29), obstina-se a repetir Pedro. O Jesus, "que vós matastes, suspendendo-o ao madeiro, Deus o exaltou por sua direita, fazendo-o Chefe e Salvador... Disto somos testemunhas nós e o Espírito Santo" (At 5,30-32). E os

Apóstolos “cada dia, no Templo e pelas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a boa nova de Cristo Jesus” (At 5,42). O trabalho é muito, supera as forças dos Apóstolos. Alguém se queixa. As viúvas estrangeiras não são bem atendidas. Se escolham portanto “sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria” (At 6,3). Entre eles está Estêvão, “homem cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6,5). Preso, Estêvão se preocupa de anunciar o Cristo a seus perseguidores, mesmo prevenido a sua condenação à morte. “Homens de dura cerviz, incircuncisos de ouvido e de coração, vós sempre resistis ao Espírito Santo!” (At 7,51). “Ouvindo tais coisas, indignaram-se nos seus corações, e rangiam os dentes contra Estêvão” (At 7,54). “Ele, porém, repleto do Espírito Santo, olhando para o céu, viu a glória de Deus e Jesus de pé à direita de Deus” (At 7,55). Foi apedrejado, mas, repleto do mesmo Espírito de Jesus, morreu, como Ele, perdoando aos seus perseguidores: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7,60). O diácono Felipe, como tantos cristãos que tinham-se dispersado à causa da perseguição, foi pregar na Samaria. Também Pedro e João foram lá para confirmar os fiéis. “Impunham-lhes as mãos e eles recebiam o Espírito Santo” (At 8,17).

Também Simão, o mago, em troca de dinheiro, pede o poder de derramar o Espírito Santo e os seus dons (At 8,18s). “Pereça o teu dinheiro e tu com ele” (At 8,20),

responde Pedro. O Espírito Santo é amor e vida e dom e não mercadoria.

De novo é o Espírito que empurra Felipe a se encontrar com o funcionário da rainha Candace e a batizá-lo (At 8,29-38).

Saulo também é esperado pelo Senhor no caminho de Damasco. Ananias conforta o antigo perseguidor ficado cego: “Saulo, meu irmão, quem me envia é o Senhor, este Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, a fim de recuperares a vista e ficares repleto do Espírito Santo” (At 9,17).

As comunidades retomam fôlego e gozam de nova paz. “Tomavam incremento e viviam no temor do Senhor, repletas da consolação do Espírito Santo” (At 9,31). Na casa de Cornélio, Pedro se dá conta que a chamada de Cristo é universal, não pára nos judeus. “Deus ungiu (Jesus) com Espírito Santo e com poder, ele que passou fazendo o bem e curando a todos” (At 10,38). “Enquanto Pedro falava, o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a palavra. Admiraram-se os fiéis circuncisos companheiros de Pedro, de que o dom do Espírito Santo fosse derramado também sobre os gentios” (At 11,44s). E se eles receberam o Espírito Santo por que não poderiam receber também o batismo? (At 11,47). Pedro, voltado a Jerusalém, sente a necessidade de dar explicação da sua conduta em Cesaréia: o protagonista em tudo isso foi o Espírito Santo (At 11,15s).

Outras grandes personagens que entram na história da primitiva comunidade são Barnabé "homem bom e cheio do Espírito Santo e de fé" (At 11,24) e Saulo, ele também "repleto do Espírito Santo" (At 13,9). É o Espírito que faz entender de separar Saulo e Barnabé (At 13,2) e é pelo Espírito Santo que os dois são enviados (At 13,4).

Em Antioquia de Pisídia os dois Apóstolos pregam antes aos judeus. Recusados, se voltam aos gentios. Perseguidos e expulsos pelos primeiros, "sacudindo contra eles a poeira dos pés, foram a Icônio. (eles) porém, estavam cheios de alegria e do Espírito Santo" (At 13,51s). Viagem inolvidável, cheia de tanto sofrimento, mas também de muitos frutos e de muita alegria.

Começa entremontes a primeira grande desavença a respeito da circuncisão. Saulo e Barnabé, com uma comissão, sobem até Jerusalém. Primeiro grande Concílio, onde se fazem presentes e decidem os Apóstolos, os anciãos e a assembléia. Resposta: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor outro jugo..." (At 15,28).

Como é o Espírito Santo a dirigir os Apóstolos na primeira viagem, assim também nas uiteriores (At 16,16). Pregações, peripécias, perseguições, conversões. Paulo percorre todas as regiões da Ásia. Em Efeso se preocupa: "Recebestes o Espírito Santo quando abraçantes a fé?" Eles responderam: "Nem

ouvimos dizer que há um Espírito Santo" (At 19,2). "E quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles, e eles puseram-se a falar em línguas e a profetizar" (At 19,7).

No famoso adeus aos anciãos de Éfeso, Paulo, "acorrentado pelo Espírito", prevê, no mesmo Espírito, cadeias e tribulações (At 20, 23) e deixa aos anciãos a solicitude do rebanho a eles confiado pelo Espírito Santo (At 20,28).

Em Chipre os discípulos suplicam Paulo, "pelo Espírito" (At 21, 4) a não subir até Jerusalém. E o profeta Acabo revela a Paulo, em nome do Espírito Santo (At 21,11), como ele será preso e acorrentado.

São conhecidas as perseguições de Paulo, a narração da sua vida e da sua vocação, a sua ida a Cesaréia, o seu processo diante de Felix, a sua apelação para César, a sua detenção em Roma.

Uma última palavra, em nome do Espírito Santo, Paulo a diz a judeus e gentios: "O coração deste povo se endureceu... taparam os ouvidos, fecharam os olhos... Aos gentios é enviada esta salvação de Deus. Eles ao menos ouvirão" (At 28,27s).

IV. UMA PERGUNTA: OS SONHOS DE LUCAS PASSARAM POR SANTO DOMINGO?

Com certeza os sonhos de Lucas não se perderam e, em parte, foram re-sonhados em Santo Domin-

go. Foi re-sonhada a comunidade/comunhão e foi re-sonhada a evangelização.

A COMUNIDADE foi revivida. É exaltante ver centenas de bispos, ao redor do Papa, carregar sofrimentos, dores, anseios de um inteiro continente.

Também foi revivida com olhos de sonho a EVANGELIZAÇÃO. Foram dados anúncios alegres. Os pobres, os diferentes foram contemplados, a eles foram dadas palavras de encorajamento. Os sonhos porém, às vezes, foram turbados, até ameaçados ou interrompidos.

A comunhão não foi como se poderia desejar. O poder teve mais peso que a fraternidade. D. Cândido Padin não foi aceito, mesmo que legitimamente eleito pela CNBB. Os próprios bispos não conseguiram expressar o que queriam. Nem todos tinham o mesmo peso. Uns sentiram a falta de simpatia e de aceitação por parte dos outros, outros sentiram a pressão, o controle, até a censura.

Quer dizer depois da ausência quase que total de leigos, de mulheres, da imprensa? Se tratou da assembleia como de um negócio secreto, quase que a vida e o destino da Igreja e do mundo fossem assunto de gabinetes. O povo cristão ficou ausente, não participou, não foi motivado a se interessar. Enfim, não houve a comunidade sonhada por Lucas: "Eles eram assíduos ao ensinamento dos Após-

tolos e à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações" (At 2,42). "Todos os crentes estavam unidos" (At 2,44). "A multidão daqueles que tinham abraçado a fé tinham um só coração e uma só alma" (At 4,32).

A mesma sensação de decepção se há a respeito da Evangelização. Certo se fala de "nova" evangelização. Mas a gente anuncia com os fatos mais de que com palavras. Ora, que tipo de solidariedade e, portanto, de boa notícia aos últimos, aos fracos, aos pobres representa um pequeno grupo de bispos hospedados em hotéis 5 estrelas, sempre protegidos por guarda-costas? Sei de um bispo que reclamou e foi morar num lugar humilde. Pequeno gesto profético no meio de uma assembleia pensada pelos organizadores em tom de poder e de prestígio.

Outro gesto pretendido por bispos sensíveis (cf. D. José Dammert Bellido de Cajamarca, Peru, em nome de todos os membros da Comissão 26) foi o de colocar no documento final um pedido de perdão aos nossos irmãos índios e negros pelos 500 anos de colonização cheios de amargura. A presidência não quis assumir, apesar de o próprio Papa ter já expressado arrependimento pelas colaborações e omissões da Igreja.

Enfim, podemos dizer que a Evangelização em Santo Domingo tem sido igual àquela sonhada por Lucas? Ou faltou uma maior soli-

dariidade e identificação com o pobre, o índio, o africano, o mestiço? “Não leveis nada para a viagem... não tendes duas túnicas... dissei paz a esta casa... o Reino de Deus chegou...”.

O que dizer depois disso? Iremos ficar desanimados? Ou continuaremos a sonhar?

Certo a situação é gravíssima. “A maioria dos nossos povos vive em condições dramáticas”, diz a Mensagem de Santo Domingo nº 7. “Estas situações poderiam fazer vacilar nossa esperança. Mas a ação do Espírito Santo nos oferece um motivo forte e sólido para esperar” (nº 8).

A Comissão 26 de Santo Domingo sobre culturas indígenas, afro-americanas e mestiças assim interpreta a situação desses nossos irmãos: “Premidos de toda parte mas não desanimados, perseguidos mas não desesperados. Trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nós” (2 Cor 4,8-10).

Com o Espírito Santo portanto é possível continuar a sonhar: se pode e se deve, pois ele é o princípio criador e re-novador (Sl 103,30).

É só pela força do Espírito Santo que Cristo conseguiu nascer pobre, viver pobre, enfrentar tentações e perseguições, carregar a própria cruz, morrer no abandono de todos, aparentemente até do Pai, e

na sensação mais cruel de um fracasso total da sua missão.

O Espírito não se substituiu a Cristo, não lhe poupou o esforço, a doação de si mesmo, o martírio. O Espírito estava lá para lhe dar esperança, a certeza do “já”, apesar do aparente “ainda não”.

Assim o Espírito Santo não se substituiu à primitiva comunidade, não ofereceu a ela a vara mágica da ação fácil e milagrosa. Precisou aceitar de ser um povo perseguido, uma comunidade que reparte os seus bens. Não é fácil, pelos Apóstolos, paralisados pelo medo, enfrentar sacerdotes, fariseus, autoridades romanas. Não é fácil para Estêvão morrer perdoando. Não é fácil para Saulo aceitar de mudar tudo na vida: cabeça, religião, coração. Não é fácil colocar juntas culturas diferentes, judeus e gentios. Não é fácil enfrentar longas viagens, fome, naufrágios, perseguições.

Dirá São Paulo: “penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rom 8,18). E Pedro acrescentará: “Na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação da sua glória possais ter uma alegria transbordante” (1 Pd 4,13).

Eis porque podemos nos alegrar. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rom 8,31).

É este Deus-Amor que move os cristãos a se unir, a se juntar, a repartir. A escolha dos últimos não é novidade de hoje: nos Atos os bens são repartidos segundo necessidade; as viúvas recebem a atenção especial dos diáconos; pelos habitantes de Jerusalém empobrecidos Paulo organiza uma coleta. Pelos pequenos Cristo exulta, cheio de Espírito Santo. A opção pelos pobres não é portanto luxo, elemento transitório, accidental. É o sinal de que o Espírito está lá vivo e atuante. O descaso pelo pobre, pelo contrário, denuncia a ausência do Espírito, portanto a ausência de Cristo, a ausência do Evangelho.

Em momentos de dificuldade e de crise é importante lembrar tudo isso, pois é grande a tentação de se fechar em certezas e seguranças imediatas. O mal parece tão grande e tão bem organizado que é fácil sentir a própria impotência e experimentar a tentação do desânimo, o risco de se fechar em espaços privados e aconchegantes, familiares ou de pequenos grupos ou movimentos, onde amizade e solidariedade se tornam mais fáceis. O grande impulso dos movimentos, se de um lado manifesta uma mais intensa procura de interioridade, espiritualidade e de segurança psicológico-afetiva, do outro pode ser sinal de desânimo e de diminuição de esperança nas grandes lutas.

Quem confia no "sonho" do Espírito Santo portanto sabe que deve reagir, arriscar, propor soluções novas, pela Igreja e pelo mundo.

É mais fácil ficarmos em posições certas, antigas. Precisa sair ao descoberto, lá onde se trava a luta entre o bem e o mal, onde o povo é esmagado, o pequeno é nulificado. E não basta prospectar relações e soluções curtas; precisa planejar soluções e relações longas. Não é suficiente se comover frente a um ou outro pobre, um ou outro doente. Precisa organizar a sociedade, portanto criar estruturas mais justas e mais humanas.

"Se hoje as dificuldades crescem e se alastra um senso de desnorreamento de todos, escrevem os Bispos italianos frente ao desmancho da Máfia e à corrupção do poder, *urge um suplemento de esperança*, de confiança, de coragem: precisa não desanimar frente aos problemas, mas é necessário enfrentar a atual situação apontando com lúcida determinação ao verdadeiro bem do País, certos da ajuda de Deus e sustentados pela força que a fé oferece."

Interesses e particularismos tornam sempre mais difícil um plano e desenho unitário entre sociedade civil e religiosa, entre congregação e congregação, instituições e movimentos, paróquias e CEBs. Não se pode só descarregar em cima dos outros a responsabilidade de um mundo sem sentido. É necessário cada qual se responsabilizar e "conduzidos pelo Espírito", refazer as próprias escolhas.

Concluindo o Espírito nos convida:

a) a *renovar os caminhos da esperança*, justamente quando o sentido da vida, da sociedade, da história parece perdido;

b) a *recolocar a pessoa humana no centro* de toda preocupação, pois ela é templo vivo em que age e se manifesta o Espírito;

c) a refletir que *numa sociedade conflitual* como a nossa, a *centralidade da pessoa só é assegurada quando se fazem escolhas decididamente preferenciais pelos mais fracos*. Não é verdade que somos todos iguais. Para chegar à igualdade verdadeira precisamos de escolhas lúcidas e corajosas, feitas à luz do Espírito;

d) a entender que chegou a hora de sair de grupos fechados. *Precisa respirar mundialidade, humanidade global*.

A imagem da primitiva comunidade cristã, o mundo deve se deixar guiar pelo Espírito. O Reino, o mundo novo, carregado pelo Es-

pírito, está se aproximando, quaisquer que sejam as aparências que nos ameaçam. O "sonho" de Lucas, melhor o "sonho" do Espírito Santo, o "sonho" da comunhão, do Reino, das boas notícias aos pobres, continua.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. Segundo a imagem de Lucas sobre a comunidade, que sinais dela você pode perceber nos grupos cristãos que acompanha pastoralmente?

2. O autor apresenta características do evangelizador(a) segundo Lc 9,1-9 e 10,1-24. Procure, até mesmo na oração, verificar quais delas mais se realizam em sua pessoa, quais parecem exigir mais atenção de sua parte.

3. Como você e sua comunidade responderiam à pergunta formulada pelo autor: "os sonhos de Lucas passaram por Santo Domingo?"

O Evangelho não traz a resposta

Se o Evangelho de Jesus Cristo não traz uma resposta feita aos múltiplos problemas sociais e econômicos que afligem o homem contemporâneo, mostra, contudo, aquilo que tem peso segundo Deus e portanto para o destino do homem. É o que os cristãos propõem àqueles que querem ouvir a sua voz. Apesar das dificuldades, a Igreja continuará a oferecer, pelo seu lado, a própria colaboração abnegada, para que o homem deste fim de século seja melhor esclarecido e saiba libertar-se dos ídolos do presente. *João Paulo II, ao Corpo Diplomático, no dia 6 de janeiro de 1993.*

PADRE RELIGIOSO OU RELIGIOSO PADRE?

A Vida Religiosa nasceu como fato laical e hoje uma boa parte dos religiosos são presbíteros. Como explicar este fato? Que significado pode ter o presbiterado no contexto da Vida Religiosa? Não será uma anomalia?

A Comissão Teológica da União dos Superiores Gerais (USG), desde o Outono de 1990 até à Primavera de 1992 procurou estudar o problema das relações entre o carisma do padre diocesano e o carisma do padre religioso. Podemos hoje apresentar-vos as conclusões a que essa comissão chegou.

Antes de mais, evitar simplificações

Como se sabe, este problema das relações entre o sacerdócio e a vida consagrada é um problema em aberto onde a reflexão teológica não vê ainda claro. Uma comissão instituída pela Conferência dos Religiosos dos Estados Unidos, para estudar este assunto, há dois anos

que começou o seu estudo e considera-se ainda no início das suas pesquisas. Por seu lado, a Comissão Teológica da USG é de opinião que este estudo deve prosseguir, pois que se trata de um tema muito complexo e cheio de dificuldades. De qualquer modo, esta comissão avança já um primeiro esboço de estudo, assinado pelo seu presidente o P. Audet, em que se expõem de um modo ainda informal as principais conclusões desta pesquisa.

O tema é abordado na ótica da Vida Religiosa e abre logo com uma recomendação prévia: que se evitem simplificações que só serviriam para falsear o problema.

No contexto da vida religiosa, nota a dita comissão, a relação entre sacerdócio e vida consagrada não se apresenta da mesma maneira para todos os Institutos. Institu-

Vida Consagrada, nº 142, janeiro de 1993, páginas 4-10.

tos há que são “padres religiosos”, enquanto outros se consideram “religiosos padres”, o que não deixa de ser uma leitura diferente do mesmo fato. Os primeiros põem o sacerdócio no centro da sua vida e do seu agir; os segundos, consideram antes a vida consagrada como o nervo vital do seu ser e de todas as suas atividades. Quer dizer: a relação entre sacerdócio e vida consagrada não é a mesma para todos.

A Vida Religiosa nasceu completamente distinta do sacerdócio; no seu início é um fato laical. Só pouco a pouco é que o sacerdócio começou a entrar na Vida Religiosa, quando a partir do século X, primeiro os monges e depois os Cônegos Regulares e mais ainda as Ordens Mendicantes, começaram a ter um papel importante no ministério e na vida apostólica. Assistimos então ao desenvolvimento de um ministério que ultrapassa as igrejas locais e que por isso, vem a ser reconhecido como isento da jurisdição dos bispos. Sabemos como as coisas andaram depois. A Comissão Teológica da USG chama a atenção para três pontos:

— a progressiva clericalização da Vida Religiosa (nota-se hoje por parte de certas famílias religiosas que nasceram laicais a tendência para regressar a essa tradição);

— a tendência por parte dos padres diocesanos para pautar o seu estilo de vida e a sua espiritualidade pelos religiosos;

— a progressiva afirmação na Igreja, de dois modos de viver o sacerdócio ministerial: o típico dos religiosos e o diocesano.

Tudo isto são fatos de que se não pode prescindir quando se faz teologia e quando se aborda este tema.

Alguns dados teológicos

Segundo sublinha o texto dos teólogos da USG, sacerdócio e Vida Religiosa são duas vocações completas em si mesmas. Mas a Vida Religiosa é um estado de vida, ao passo que o presbiterado é um ministério e deriva das estruturas hierárquicas da Igreja.

Um ponto de partida importante para compreender o sacerdócio ordenado na Vida Religiosa é, no entender da Comissão, a missão reconhecida pela Igreja a cada um dos Institutos religiosos.

Para realizar esta missão, a Vida Religiosa reveste-se de diferentes ministérios, ordenados uns, não ordenados outros. “O sacerdócio ordenado é, para os Institutos clericais, um meio privilegiado de cumprir a sua missão particular”. Para o conjunto dos Institutos trata-se de um ministério entre outros ministérios ao serviço da missão específica que a Igreja confia a este ou àquele Instituto. Nestes casos, pode-se afirmar que o presbiterado “pode ser considerado como uma extensão ministerial da Vida Religiosa. Mas o carisma missionário dos religiosos não se esgota no sacerdócio”. “Particularmente nos Institutos de vida apostólica, pros-

segue o P. Audet, a profissão religiosa implica por si mesma uma dimensão ministerial". Com efeito, mesmo os membros não ordenados são chamados ao ministério, segundo o espírito do fundador e da missão apostólica particular do Instituto. Assim, o seu ministério está directamente ligado à sua profissão religiosa.

Para os membros ordenados, o ministério está ao mesmo tempo ligado tanto à ordenação como à profissão religiosa.

Um só sacerdócio diversidade de ministérios

Do que fica dito, deriva uma consequência importante: "O sacerdócio ministerial é certamente único não há dois sacerdócios ministeriais — mas pode ser vivido de maneiras muito diversas. De fato, ao longo da história, ele foi vivido segundo os moldes de duas tradições bem distintas que o marcaram e modelaram: por um lado a tradição do ministério dos religiosos e por outro a tradição do ministério dos padres diocesanos.

Há portanto, unidade de carisma do padre diocesano e do padre religioso num só e mesmo sacerdócio ministerial; mas há também diversidade pelo fato das duas tradições que o exerceram e exprimiram concretamente ao longo da história. É neste sentido que podemos falar de unidade e diversidade de dois carismas.

Trata-se, de fato, de dois carismas diversos que compreendem es-

tilos de vida, pertenças, compromissos e testemunhos que são distintos e próprios de cada um. O padre secular faz parte do presbitério diocesano, é incardinado numa diocese e vive no 'mundo'. O seu ministério implica uma pertença quotidiana junto do povo que lhe está confiado. A sua própria existência está ligada a um povo concreto, a uma paróquia, a uma missão diocesana.

O padre religioso, pelo contrário, pertence a um Instituto religioso. A sua ação apostólica situa-se no contexto do carisma profético do seu Instituto e da sua missão específica. Mesmo no concreto do seu atuar, o religioso muitas vezes dedica-se a ministérios específicos, de tônica profética.

Para o padre diocesano, a paróquia é em certo sentido, a norma, na medida em que constitui, de algum modo, o lugar habitual do exercício do seu sacerdócio".

Ao serviço da universalidade

O concílio chama a atenção para a dimensão universal do sacerdócio ordenado, com a consequência de que a "todos os presbíteros incumbe a solicitude de todas as igrejas" (PO 10).

No entanto, observa o nosso texto, para os padres seculares, a "missão canônica", recebida com o sacramento da Ordem, destina, de fato, a uma igreja particular local. Por outro lado, como recordava o P. Kolvenbach no Sínodo sobre a

formação dos padres, "existe desde há séculos ao serviço da Igreja, um padre que vive existencialmente a universalidade virtual de cada padre ministerial". De fato, o novo Código do Direito Canônico, diz claramente o Sumo Pontífice, "em razão do seu primado na Igreja universal, pode isentar os Institutos de vida consagrada do governo dos ordinários do lugar e fazê-los depender apenas da sua autoridade ou de outra autoridade eclesiástica" (Can. 591). Os religiosos destes Institutos têm direito e muitas vezes o dever de trabalhar fora das fronteiras da igreja local. Eles pertencem a "uma família religiosa muitas vezes internacional, que depende de superiores que têm a responsabilidade de missões eclesiais nas diversas dioceses e nos diversos países. Os religiosos são muitas vezes chamados a deixar uma igreja diocesana para servir outra, enquanto que os padres diocesanos, em princípio, devem estar ao serviço dessa igreja".

Características próprias

Há ainda uma outra consequência a ter em conta: "A pertença a uma família espiritual que ultrapassa as fronteiras da igreja local, para o serviço da igreja universal e para o exercício de um ministério específico, não pode deixar de modelar profundamente o tipo de ministério sacerdotal exercido pelos religiosos.

Em virtude do seu voto de religião e do carisma próprio da sua família religiosa, os religiosos sa-

cerdotes são muitas vezes chamados a exercer ministérios segundo modalidades e em contextos a que os padres diocesanos mais dificilmente têm acesso. Por exemplo, a missão "ad gentes" a partir do século XIII foi em grande parte assumida pelos Institutos de vida consagrada. Este fato marcou profundamente a sua tradição ministerial.

"Sob o plano da organização estrutural do seu grupo de pertença, o padre religioso e o padre diocesano pertencem a duas estruturas bem diversas. Com efeito, o padre religioso vive num grupo comunitário, sob a responsabilidade de um superior imediato e de um superior maior; o seu estilo de vida é regulado pelos estatutos do seu Instituto; o seu empenho apostólico situa-se normalmente na linha de tônica profética.

No plano eclesial, "a ligação do religioso com o Sumo Pontífice e com a Igreja universal exprime-se através da mediação dos seus superiores religiosos e do reconhecimento por parte da Igreja do carisma do seu Instituto. Não acontece a mesma coisa para o padre diocesano".

Daqui se infere que "a teologia do sacerdócio religioso assenta as suas raízes mais na dimensão universal e carismática da vida da Igreja, que na eclesiologia da igreja local; isto é verdade mesmo para certos Institutos em que a profissão liga o religioso a um determinado mosteiro que constitui uma

igreja particular, em virtude do voto de estabilidade”.

“Notemos ainda que em qualquer Instituto de vida consagrada, há sempre algo do caráter laical fundamental, pois que a vida religiosa pertence à vida e à santidade da Igreja e não à sua estrutura hierárquica ou clerical (LG 4c). A profissão religiosa é um compromisso fundamental de viver uma vida cristã intensa no seguimento e sob o exemplo de Cristo. Também para o religioso padre, um tal compromisso tem o seu fundamento não primariamente no sacramento da Ordem mas no do batismo.”

A contribuição da Vida Religiosa ao sacerdócio

No plano pastoral, seria uma grande perda para a Igreja mascarar ou nivelar as diferenças entre as duas tradições ministeriais dos padres diocesanos e dos padres religiosos.

Para riqueza da Igreja, é necessário que os religiosos conservem muito vivos estes ministérios específicos que eles exercem em razão do seu carisma de fundação... Os Institutos de vida consagrada têm seguido tradicionalmente os fins apostólicos que lhes são característicos. Reduzir os seus compromissos apostólicos a uma só espécie de ministério, como por exemplo, o ministério paroquial, seria uma infidelidade profunda à graça da sua fundação e um empobrecimento deplorável para a vida da Igreja.

A maior contribuição que os Institutos religiosos podem prestar à vida e à missão da Igreja, é viver a fundo a sua espiritualidade, o seu carisma específico e o seu objetivo apostólico. O mesmo discurso vale para o clero diocesano.

Tradicionalmente, a tendência foi os padres diocesanos ocuparem-se das paróquias e de comunidades cristãs estáveis, enquanto que os religiosos se ocupavam de preferência de grupos específicos, em contextos particulares, como por exemplo, as escolas, universidades, casas de repouso, investigação teológica, centros especializados, acompanhamento dos marginalizados, inserção nos meios pobres, etc. Além disso, como já foi assinalado, a missão “ad gentes” foi um campo privilegiado dos Institutos religiosos: tornar presente Cristo e a Igreja entre aqueles que vivem nas fronteiras da religião. Os religiosos assumiram ainda empenhos apostólicos nas fronteiras da humanidade, junto dos oprimidos, dos deserdados, dos desesperados da vida. “Estas tarefas, conclui o texto, não são exclusivas dos religiosos, mas ninguém tem estado tão presente nestes espaços como eles”.

Ser fiel à própria identidade

Em declaração de Agosto de 1991, a Conferência dos Superiores Maiores dos Estados Unidos, dizia o seguinte: “O sacerdócio de um religioso é modelado pela sua espiritualidade e pelo carisma do seu Instituto, pela tradição da sua ordem e da sua congregação, pela sua

formação religiosa e apostólica e pela exigência dos objetivos apostólicos do Instituto em relação àquele que é seu membro”.

“O mesmo é dizer — comenta o P. Audet — que um carisma particular incide profundamente na vida e nos compromissos do religioso padre. É no coração e no centro da vida religiosa, que o seu ministério sacerdotal é distinto do do padre diocesano. Não se trata de uma diferença de sacerdócio, mas de uma diferença de carisma ministerial, dentro do único sacerdócio ministerial. Assim, o sacerdócio religioso e o sacerdócio secular não são diferentes na sua essência, mas nas suas modalidades, nas suas finalidades e nos modos concretos de se realizarem. O carisma próprio de cada uma destas tradições sacerdotais dá a cada um, um rosto particular, distinto mas complementar. Juntos, concorrem para a ministerialidade global da Igreja.

O religioso padre, conclui o texto, deve normalmente encontrar a sua primeira identidade na vida religiosa e ver como o ministério sacerdotal pode concorrer para realizar mais plenamente a missão particular que foi confiada ao Instituto.

É portanto a partir da sua herança religiosa que ele é antes de mais nada chamado a desenvolver a leitura concreta do seu ministério sacerdotal. E mesmo, se é verdade que a relação entre a Vida Religiosa e o sacerdócio ordenado varia segundo a diferente tipologia dos Institutos, parece ser perfeitamente normal que o religioso considere a sua consagração religiosa como o coração da sua vida e do seu agir, sendo o sacerdócio ministerial muitas vezes um modo privilegiado de cumprir a missão específica confiada pela Igreja ao seu Instituto.”

L.G.

O caminho está disseminado de insídias

A África não pode ser abandonada a si mesma. Por um lado, impõe-se um auxílio urgente em diversas zonas de conflitos ou de catástrofes naturais, e, por outro lado, um vasto movimento de democratização que se difundiu deve ser acompanhado. Também ali, o ligame entre a democracia, os direitos do homem e o desenvolvimento parece mais claramente prioritário. Faço votos por que os países africanos, felizmente empenhados no caminho do renovamento político, possam continuar a sua marcha. Certamente está disseminado de insídias e é retardado por aqueles que preferem olhar para trás, mas é o único caminho que leva ao progresso, porque a democratização tem por objeto o serviço respeitoso das populações e das suas opções livremente expressas. *João Paulo II, ao Corpo Diplomático, no dia 6 de janeiro de 1993.*



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de abril de 1993

A Palavra de Deus é a fonte primordial da espiritualidade porque gera e mantém a fé. O objeto da fé é sempre a Palavra de Deus. A fé que de nós postula a Vida Religiosa põe em relevo esta verdade. E **sem a fé a Vida Religiosa é um naufrágio**, a perda de todos os horizontes. Frente, pois, a esta Palavra crer naquilo que se lê. E ler para ampliar aquilo que se crê.

— *Fica atento a ti mesmo, ó Israel, para que não aconteça que havendo teus bois e tuas ovelhas se multiplicado e multiplicando-se também tua prata e teu ouro e tudo o que tiveres haja aumentado, não vás dizer no teu coração: foi a minha força e o poder de minhas mãos que me proporcionaram estas riquezas. Se te esqueceres de Iahweh, teu Deus, seguindo outros deuses, servindo-os e adorando-os, eu, hoje, testemunho contra vós: é certo que perecereis, Deut 8, 13.17.19.*

Nenhuma Congregação é, apenas, uma soma de iniciativas humanas, na qual bastaria acalentar o entusiasmo, aprimorar as técnicas e adequar a interação. Tudo isto é sumamente desejável. Não basta, porém. A Congregação é, sobretudo, uma unidade gerada pelo Espírito de Deus. É louvável toda ênfase e cultivo da prudência, do bom-senso, da preocupação séria. Para quem administra, **a morte econômica é sempre um fantasma**. Sensibilidade, pois, às razões econômico-financeiras, mas não se pode trabalhar com a hipótese de sua supremacia, dando a tudo o mais simples caráter de seqüela e resultado inevitável de suas premissas.

A economia não é uma seita. Deve estar compulsoriamente submetida a outros valores humanos, éticos, morais e, na Vida Religiosa, evangélicos. Ninguém advoga incúria irresponsável em relação ao cotidiano, nem um providencialismo ingênuo e temerário. **Deus não atende ao que deve ser objeto de nosso esforço**. Deus quer tenacidade no trabalho, quer responsabilidade socialmente organizada, criticamente consciente e planejada para o sustento e a dignidade da vida. Mas, simplesmente economizar, enleado num terra-a-terra unidimensional, não é forma de ser pobre. Não é gesto evangélico de pobreza. A cobiça da riqueza é idolatria. O consumismo, na perspectiva ético-teológica, é uma forma de crasso materialismo. Não se deixar seduzir pelo seu lado lúdico e pela euforia e prazer que traz.

A segurança construída sobre o engenho humano é uma forma matreira e hábil de fundamentalismo. Definitivamente, **a prosperidade não é a terra dos santos**. O desejo da santidade diminui na medida em que aumentam os benefícios materiais de uma sociedade de consumo. Uma sociedade de abundância tende a tornar-se tanto menos produtiva religiosamente quanto mais assegurada materialmente estiver. Na riqueza, a esterilidade e a secreta opção pelo tesouro da terra.

A força de nossa evangelização está em saber relativizar a nossa própria força. As chaves da evangelização não passam sobretudo pela economia. A ação missionária brota do contato com Deus. O centro, pois, das preocupações não podem ser os métodos e as instituições, nem as estruturas pastorais, mas sim a qualidade evangélica de nossa vida. É Deus quem salva. **É na fraqueza humana que a força de Deus manifesta todo o seu poder**. É desconcertante e paradoxal a ação da graça divina no coração do homem. Na linguagem poética e bucólica do profeta: "Saberão todas as árvores da floresta que eu sou o Senhor", Ez 7, 22-24.

O êxito não é critério de ação divina bem cumprida. Ninguém será avaliado pelo que angariou na vida, mas pela sua capacidade de pertença a Deus. Na parábola do Evangelho, **aquele que mais teve foi o que menos obteve**. À luz da fé, é uma perspectiva sombria. Deus é a gratuidade que nos liberta de todas as restrições de nosso ser necessitado. Frente aos bens materiais: proibidade pessoal, austeridade religiosa, coerência teológica. Ninguém, nem sociedade alguma, pode girar em torno do dinheiro sem se perverter moral e politicamente. O dinheiro não é o valor nem o critério de hierarquia nem para a pessoa nem para a sociedade. Para nós, o caminho da riqueza é a pobreza.

JESUS, que veio, sempre vem quando invocado, e virá definitivamente naquele tempo, que se aproxima, conhecido só de seu Pai, seja a nossa **PAZ**, a nossa serenidade, a nossa coragem. Amém. Ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável/Convergência